



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMÍA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA  
AMERICA LATINA**

## **A CHINA NA ECONOMIA-MUNDO CONTEMPORÂNEA**

**MARÍA JOSÉ HARO SLY**

Foz do Iguaçu, Brasil  
2014



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMÍA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA  
AMÉRICA LATINA**

## **A CHINA NA ECONOMIA-MUNDO CONTEMPORÂNEA**

**MARÍA JOSÉ HARO SLY**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Estado, Sociedade e Política na América Latina.

Orientador: Prof. Doutor Luiz  
Rodrigo Medeiros da Silva

Foz do Iguaçu, Brasil  
2014

MARÍA JOSÉ HARO SLY

## **A CHINA NA ECONOMIA-MUNDO CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Latino-  
Americano de Economia, Sociedade e  
Política da Universidade Federal da  
Integração Latino-Americana, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Ciência Política e  
Sociologia – Estado, Sociedade e  
Política na América Latina.

Orientador: Prof. Doutor Luiz  
Rodrigo Medeiros da Silva

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Doutor Rodrigo Luiz Medeiros da Silva

UNILA

---

Prof. Doutor Roberto Wolney Carvalho

UNILA

Foz do Iguaçu \_\_\_\_\_, Brasil, 2014

## **DEDICATORIA**

À minha família, por todos aqueles motivos que só eles sabem.

## **AGRADECIMIENTOS**

Agradeço a todos e cada um dos professores e colegas da Universidade Federal da Integração Latino-Americana UNILA que contribuíram e fomentaram as minhas dúvidas intelectuais – e muitas vezes existenciais. Em especial a meu orientador, o Professor Doutor Luiz Rodrigo Medeiro da Silva, pela sua generosidade e paciência.

Agradeço ao Brasil por ter me dado esta oportunidade única de estudar na UNILA, poder receber uma excelente formação acadêmica e a possibilidade de conhecer colegas e professores dos lugares mais diversos da América Latina.

Agradeço à minha irmã Andrea C. Haro Sly, a Tamara Fernández e a Angela Erazo Muñoz e a todos meus amigos e amigas, que além da amizade incondicional e de ter feito a vida em Foz do Iguaçu mais divertida e acolhedora, contribuíram de tantas formas à realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais e irmãos pelo apoio e amor incondicional, sem os quais teria sido impossível chegar até aqui.

*"It is the times that make it possible, again for the first time, to stand on the shoulders of those nineteenth-century giants and see something beyond, provided we have the energy and the will. It is the times that permit us, without disgracing ourselves, to follow Danton's exhortation:*

***"De l'audace, encore de l'audace, et toujours de l'audace."***

*These are our times, and it is the moment when social scientists will demonstrate whether or not they will be capable of constructing a social science that will speak to the worldwide social transformation through which we shall be living."*

Wallerstein, I.

**The end of the world as we know it: Social Science for the Twenty  
First Century 1999 pg. 201.**

HARO SLY, MARIA JOSE **A China na Economia Mundo Contemporânea**. 2014. 74 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade y Política na América Latina). Foz do Iguaçu, 2014.

## **RESUMO**

Este trabalho se propõe fazer uma primeira aproximação às reflexões do processo sistêmico que levou à ascensão da China na Economia Mundial nos últimos 30 anos. Seu objetivo é propor uma interpretação alternativa sobre a emergência chinesa no contexto do desenvolvimento da Economia-Mundo capitalista a partir do enfoque de análise de Giovanni Arrighi. O trabalho analisa o dinamismo econômico da China e as suas relações intrínsecas com as esferas políticas, sociais, culturais e históricas relacionadas ao desenvolvimento da economia-mundo capitalista - tanto na *longue durée*, como na história recente.

**Palavras chaves:** Ascensão da China. Sistema-Mundo. Giovanni Arrighi. Economia Política.

HARO SLY, MARIA JOSE **China en la Economía Mundo Contemporánea.** 2014. 74 pgs. Trabajo de Conclusión de Curso (Licenciatura en Ciencia Política y Sociología: Estado, Sociedad y Política en América Latina). Foz de Iguazú, 2014.

## **RESUMEN**

Este trabajo se propone realizar una primera aproximación a las reflexiones del proceso sistémico que llevó al ascenso de China en la economía mundial en los últimos 30 años. Su objetivo es proponer una interpretación alternativa de la emergencia de China en el desarrollo de la economía-mundo capitalista a partir del enfoque de análisis de Giovanni Arrighi. El estudio analiza el dinamismo económico de China como intrínsecamente relacionado con las esferas políticas, sociales, culturales e históricas y con su relación con el desarrollo de la economía-mundo capitalista - tanto en la *longue durée*, como en la historia reciente.

**Palabras claves:** Ascensión de China. Sistema Mundo. Giovanni Arrighi. Economía Política.



HARO SLY, MARIA JOSE **China in the Contemporary World-System**. 2014. 74 pages. Final Paper. (Bachelor in Political Science and Sociology: State, Society and Politics in Latin America). Foz de Iguassu, 2014.

## **ABSTRACT**

This paper aims to make a first approach to the reflections of the systemic process that led to the rise of China in the world economy in the last 30 years. Its goal is to suggest an alternative interpretation of the Chinese emergency in the development of the capitalist World-Economy in the point of view of Giovanni Arrighi's approach. The study examines China's economic dynamism as intrinsically related to political, social, cultural and historical spheres and their relationship with development of the capitalist world-economy - both in the *longue durée*, as in recent history.

**Key Words:** Rise of China. World-System Economy. Giovanni Arrighi. Political Economy.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 Crescimento do PIB.....	15
Gráfico 2 PIB <i>per capita</i> .....	16
Gráfico 3 População Total em milhões de pessoas .....	16
Gráfico 4 Esperança de Vida .....	17
Gráfico 5 Desemprego total .....	17
Gráfico 6 Principais exportadores mundiais de mercadorias, 2013.....	19

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO COMPARATIVO Sistema Interestatal Europeu – Sistema Tributário Asiático.....	51
--	----

## **LISTA DE ABREVISTURAS E SIGLAS**

AC Antes de Cristo

CEPAL Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

DC Depois de Cristo

EAM Empresas de aldeias e municípios

EUA Estados Unidos da América

FMI Fundo Monetário Internacional

OMC Organização Mundial do Comércio

PIB Produto Interno Bruto

TSM Teoria de Sistemas-Mundos

UNILA Universidade Federal da Integração Latino-Americana

URSS União de Repúblicas Socialistas Soviéticas

VOC Dutch Verenigde Oost-Indische Compagnie

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1. PANORAMA DA ASCENSÃO DA CHINA</b>	14
1.1 A ASCENSÃO DA CHINA EM NÚMEROS	14
1.2 AS RESPOSTAS TEÓRICAS ACERCA DA ASCENSÃO CHINESA	22
<b>2. TEORIAS DO SISTEMAS-MUNDO COMO FERRAMENTAL TEÓRICO PARA ANALISAR A ASCENSÃO E DECLÍNIO HIERÁRQUICO NO PLANO INTERNACIONAL</b>	25
2.1 SISTEMAS-MUNDO COMO FERRAMENTAL TEÓRICO	26
2.2 A PERSPECTIVA SISTÊMICA DE GIOVANNI ARRIGHI	29
<b>3. A ASCENSÃO CHINESA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO SISTEMA-MUNDO.</b>	36
3.1 “THE RESURGENCE OF EAST ASIA: 500, 150 and 50 years perspectives.”	37
3.1.1 A China na <i>longue durée</i>	38
3.1.2 Ascensão da China na Economia-Mundo contemporânea	53
3.2 Adam Smith em Pequim: Origens e fundamentos do século XXI	60
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	65
<b>ANEXOS</b>	68
PRINCIPAIS PERÍODOS DINÁSTICOS NA HISTÓRIA DA CHINA	69
<b>PRINCIPAIS FONTES</b>	70

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe fazer uma primeira aproximação às reflexões sobre o processo sistêmico que levou a um dos fenômenos mais relevantes da história econômica contemporânea, a ascensão e o dinamismo da economia da China nos últimos 30 anos. A China em 30 anos conseguiu triplicar o

Seu objetivo é propor e articular uma interpretação alternativa sobre a emergência chinesa no contexto do desenvolvimento da Economia-Mundo capitalista a partir do enfoque de análise do economista político e sociólogo italiano Giovanni Arrighi. O trabalho analisa o dinamismo econômico da China como intrinsecamente relacionado às esferas políticas, sociais, culturais e históricas e a sua relação com o desenvolvimento da economia-mundo capitalista - tanto na *longue durée*, como na história recente.

O trabalho consiste numa revisão bibliográfica acerca da ascensão da China na Economia Mundial e traz ao debate a explicação que Arrighi dá ao fenômeno nas suas principais obras.

O texto é organizado em quatro capítulos: o primeiro traz um panorama sobre a ascensão chinesa e sumariza as distintas explicações que foram dadas ao fenômeno, como assim também as limitações das mesmas. O segundo capítulo apresenta as Teorias do Sistema Mundo TSM como ferramental teórico para a compreensão da ascensão e declínio na hierarquia no plano internacional, e resume os principais conceitos de Giovanni Arrighi. O terceiro capítulo consiste na apresentação dos principais argumentos desenvolvidos por Giovanni Arrighi, nas suas principais publicações, individuais e coletivas, acerca da ascensão da China. Por último, o quarto capítulo traz algumas reflexões e conclusões preliminares acerca do trabalho.

Cabe ressaltar que a motivação deste trabalho está relacionada a um profundo interesse em estudar no -longo prazo- tanto a ascensão econômica da China, como as suas consequências para o Sistema-Mundo e em especial para a América Latina – que não está isenta, senão pelo contrário, completamente

integrada nesta Economia-Mundo. Por tanto, este trabalho de conclusão de curso constitui-se o primeiro passo de um longo caminho de aprofundamento futuro no tema.

## **1. PANORAMA DA ASCENSÃO DA CHINA**

Neste capítulo, será apresentado um panorama da ascensão econômica chinesa nos últimos 30 anos. Na primeira seção, são elencados alguns fatos e dados descritivos acerca da ascensão chinesa. Já na segunda parte, propõe-se uma breve discussão teórico acerca das principais explicações que se deram a este fenômeno.

### **1.1 A ASCENSÃO DA CHINA EM NÚMEROS**

Desde fins dos anos 70, a República Popular da China iniciou um processo de abertura econômica e de reformas conhecidas como as Quatro Modernizações no campo da agricultura, da indústria, da ciência e tecnologia e da defesa, lideradas por Deng Xiaoping, após a morte do principal líder da Revolução Chinesa, Mao Zedong.

Em 1978, a renda *per capita* da China era de 278 dólares estadunidenses e a sua participação no PIB mundial totalizava 2,3%. Desde então, a China tem experimentado um crescimento ao redor de 10% anual, como mostrado no Gráfico 1 de Taxas de Crescimento do PIB. Observa-se que os índices da China são visivelmente diferentes aos do resto dos países exemplificados no gráfico. As taxas de crescimento da China se encontram desde 1974 até a atualidade muito por acima da média dos demais países. É importante ressaltar que, como mostra o Gráfico 1, a queda das taxas de crescimento nas crises do fim dos anos 70 e na crise de 2008 afetaram menos a economia chinesa do que aos demais países considerados.

O fenômeno do crescimento chinês despertou a atenção mundial e constitui um dos acontecimentos mais relevantes da História Contemporânea (Segrillo, A.

2014, Bergolat, E. 2011, Arrighi, G. 2007, entre outros). Segundo o Banco Mundial, a Inglaterra levou 60 anos para duplicar o seu PIB, os Estados Unidos 50, o Japão 35, a Coréia do Sul 11 anos, ao passo que a China dobrou o seu PIB em 9 anos e voltou a dobrá-los nos 9 anos seguintes. (Banco Mundial, 1997).

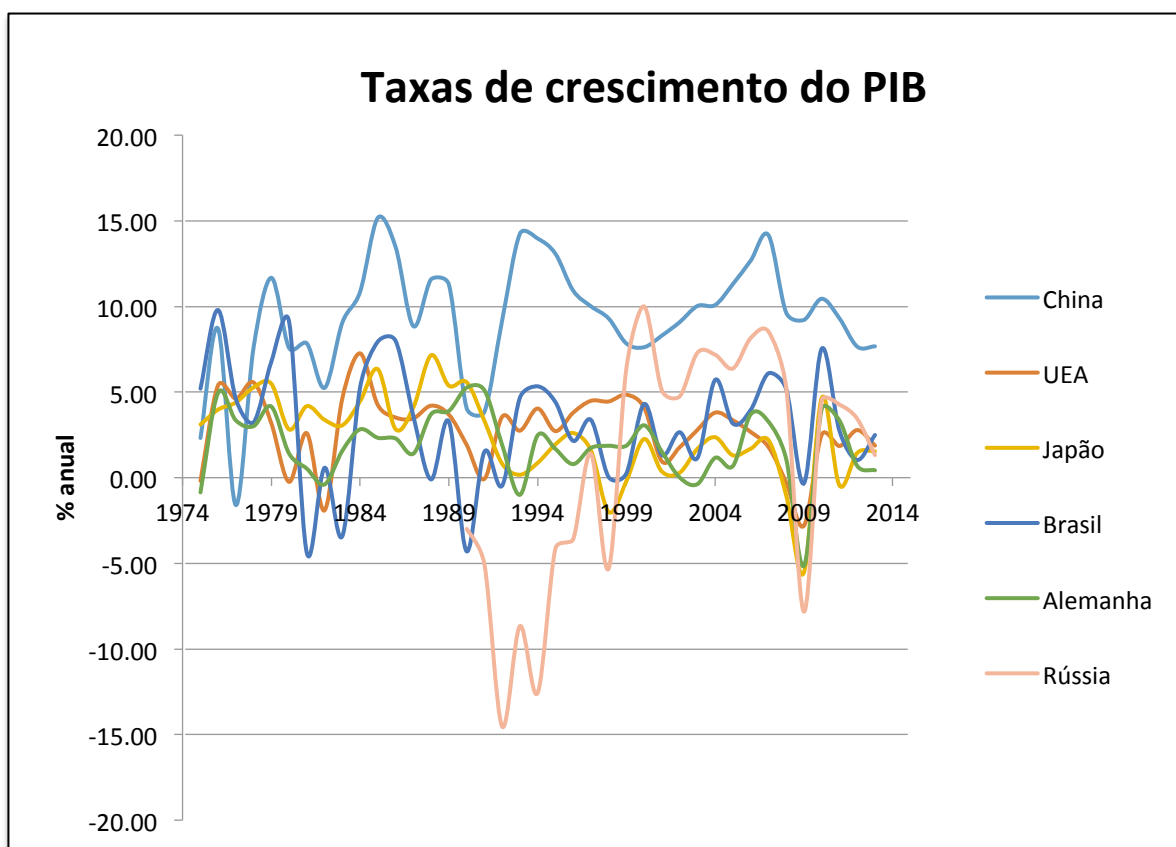


Gráfico 1 Crescimento do PIB.  
Fonte: Banco Mundial

O PIB da China alcançou, em 2013, US\$ 13,39 trilhões, sendo superado apenas pelos Estados Unidos, com um PIB de 16,72 trilhões de dólares (World Fact Book CIA). Portanto a China emergiu como a segunda potência na economia mundial.

Embora o PIB *per capita* da China também tenha aumentado de forma expressiva a partir dos anos 90, ainda continua baixo, quando comparado com o

mesmo indicador dos países desenvolvidos. Mas esta comparação deve ser relativizada em razão do tamanho da população chinesa, que tem quase 1,350 bilhão de pessoas, o que representa um quinto da população mundial, e apresenta uma tendência a crescer ainda mais.

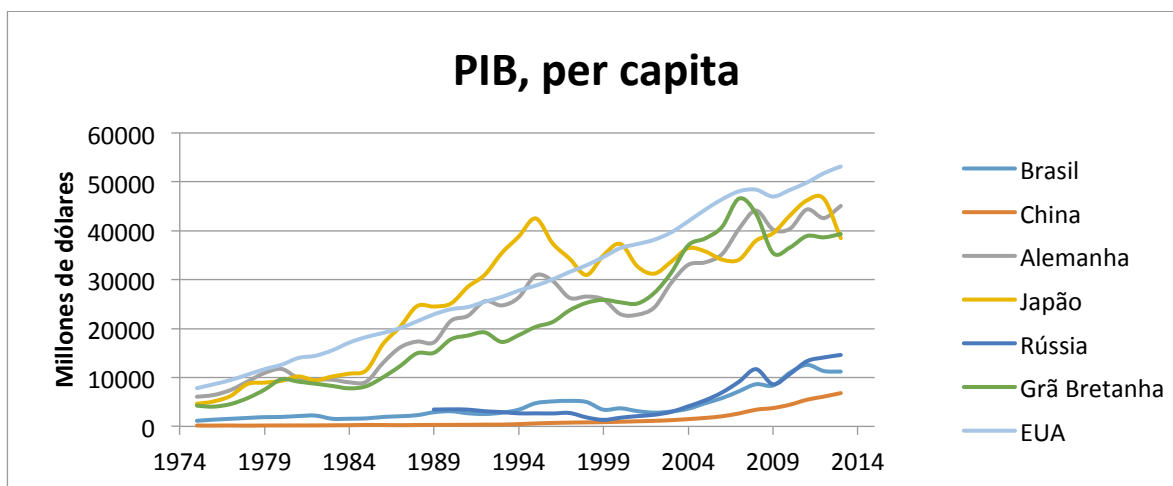


Gráfico 2 PIB *per capita*  
Fonte: Banco Mundial

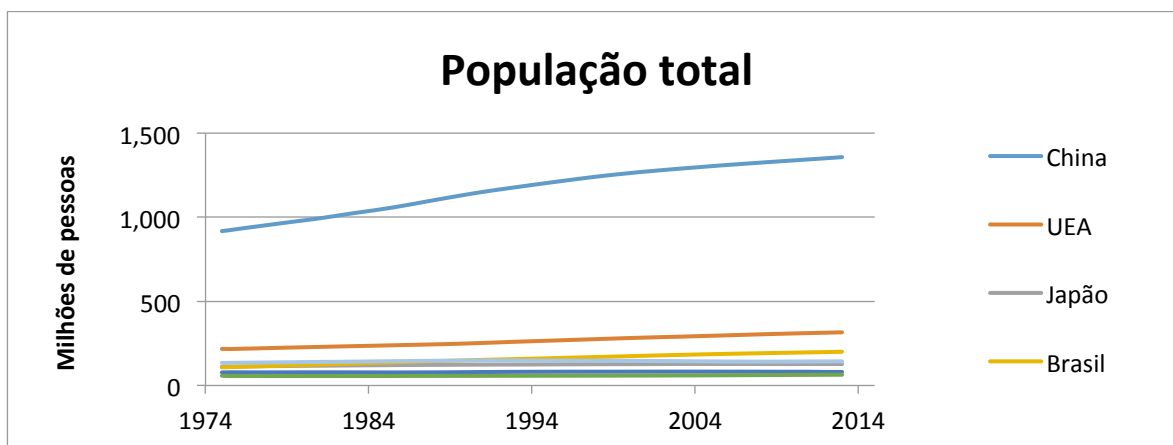


Gráfico 3 População Total em milhões de pessoas  
Fonte: Banco Mundial



De 1978 à atualidade, 500 milhões de pessoas saíram da pobreza extrema<sup>1</sup> na China e a população urbana aumentou de 17,9%, naquele ano, para 50% em 2015, segundo as estimativas do Departamento de População da ONU. A esperança de vida dos chineses deu um salto quase 10 anos desde a década do 70 até atualidade como se mostra o gráfico 4.

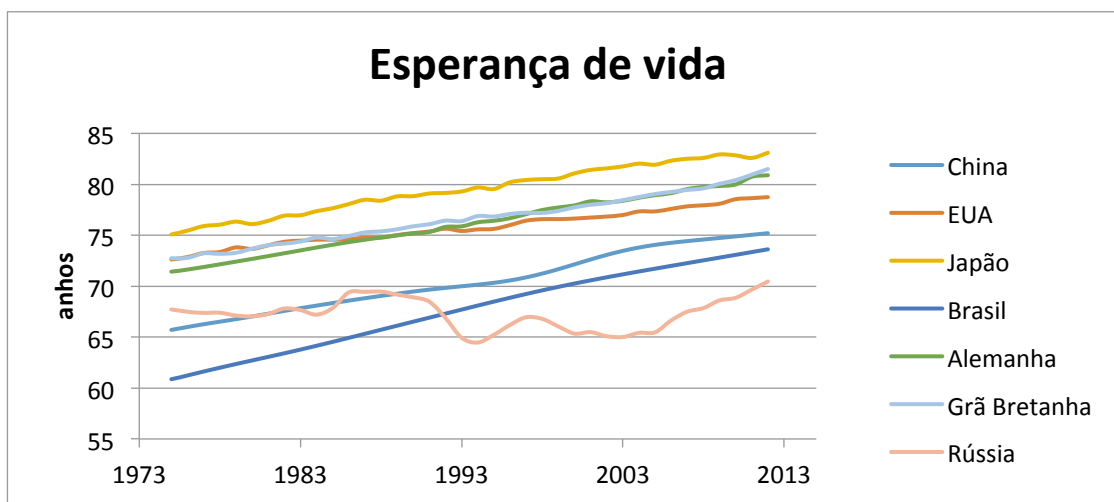


Gráfico 4 Esperança de Vida  
Fonte: Banco Mundial

Outro dado que resulta interessante é o índice de desemprego que, como mostra o gráfico 6, tem se mantido muito baixo na China, estabilizado num patamar semelhante ao do Japão, em torno de 4%, o que caracteriza uma virtual situação de pleno emprego. Cabe ressaltar que após a crise de 2007-2008 o índice de desemprego se manteve relativamente estável tanto na China como no Japão a diferença da maioria dos outros países.

<sup>1</sup> CHEN E RAVALLION (2012), utilizando como limiar de pobreza 1,25 dólares por dia.

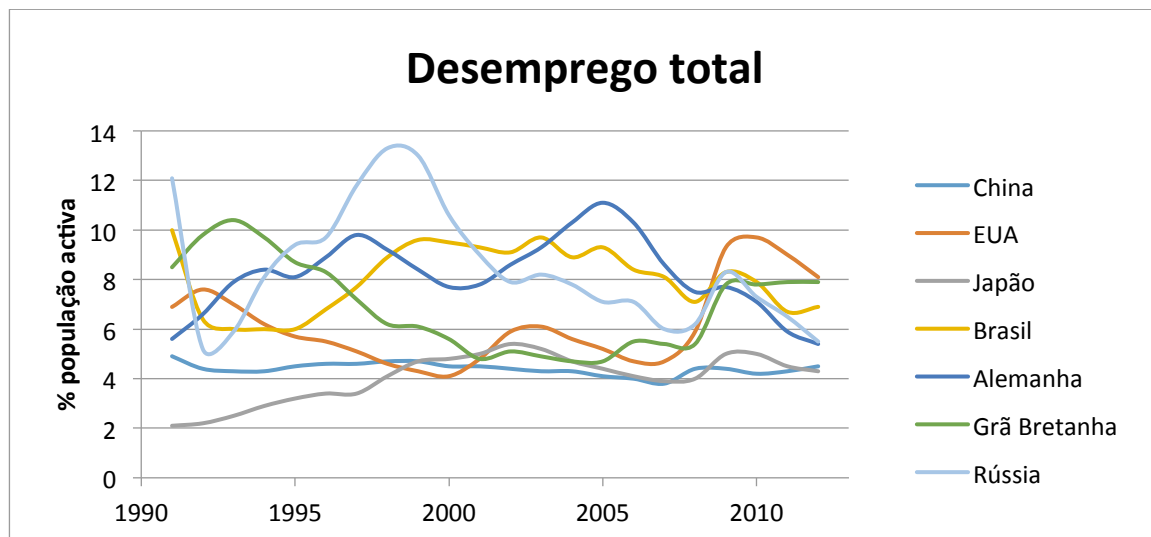


Gráfico 5 Desemprego total  
Fonte: Banco Mundial

Segundo Arrighi (2008) “(...) a políticas governamentais no campo da educação dotaram a China de um reservatório de recursos humanos que, ao lado da enorme oferta de operários alfabetizados e industriais, inclui um suprimento de engenheiros, cientistas e técnicos em rápida expansão.” O investimento em pesquisa e desenvolvimento cresceu a uma taxa anual de 17% contra uma taxa de 4 ou 5% nos Estados Unidos, Japão e Europa. (ARRIGHI, 2008). Além disso, a China passou de 2 milhões de estudantes universitários em 1990 para 20 milhões em 2007 (Bergolat, 2011).

O Processo de crescimento acelerado chinês foi caracterizado pelo Partido Comunista da China como “socialismo com características chinesas”, o que em si mesmo embute possíveis paradoxos ao promover o caminho ao socialismo, mas recorrendo a formas capitalistas de produção e de abertura do mercado.

O programa de Reformas de Deng, o chamado ‘socialismo com características chinesas’, combina a mudança para uma economia de mercado e sua inserção na arena internacional com a manutenção no âmbito interno do Partido-Estado Comunista. Este programa ressoou com o tardio movimento de auto-fortalecimento que procurou adotar tecnologia ocidental e métodos econômicos (yong) enquanto

continuava a manter o Estado e valores confucionistas (ti). (Fairbank, 2006. Pg. 408).<sup>2</sup>

As reformas econômicas introduzidas pela China criaram Zonas de Processamento para Exportações (ZPEs) na costa sul-asiática, no Delta de Guangdong e no Delta do Yangtzé, estimulando o surgimento de conglomerados industriais com altíssimos graus de especialização. É importante ressaltar que quase 70% do investimento externo vem dos chineses de ultramar, especialmente de Hong Kong, Taiwan e Ásia do Sul. (Fairbank, 2006. Pg. 408; Arrighi, 2007; Castells, 2010).

Além disso, as reformas foram apresentadas pelo Partido Comunista Chinês como estratégia de desenvolvimento:

(...) a reforma é uma revolução; a abertura forma parte das condições indispensáveis para a reforma e a construção; os quatro princípios fundamentais são a base para manter o Estado, a relação entre a “estratégia de desenvolvimento em três passos”, o enriquecimento de alguns primeiramente e uma vida folgada comum; a construção do Partido é a garantia básica da causa socialista; e a política de “um país, dois sistemas” promove a grandiosa obra de reunificação da pátria. (Congresso Nacional do Partido Comunista da China, 2012).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução livre da autora. Texto original: Deng's program of reforms, called “socialism with Chinese characteristics,” combined the move to a market economy and into the international arena with maintaining the existing Communist party-state. This program resonated with China's late nineteenth-century self-strengthening movement that sought to adopt Western technology and economic methods (yong) while still maintaining the traditional Confucian state and values (ti). (Fairbank, 2006. Pg. 408).

<sup>3</sup> Tradução livre da autora. Texto original em espanhol: “(...) la reforma es una revolución; la apertura forma parte de las condiciones indispensables para la reforma y la construcción; los cuatro principios fundamentales son la base para mantener el Estado; la relación entre la “estrategia de desarrollo en tres pasos”, el enriquecimiento de algunos primeramente y una vida holgada común; la construcción del Partido es garantía básica de la causa socialista; y la política de “un país, dos sistemas” promueve la grandiosa obra de reunificación de la patria.” (Congreso Nacional del Partido Comunista de China, 2012).



Gráfico 6 Principais exportadores mundiais de mercadorias, 2013  
Fonte: Organização Mundial do Comércio

No longo deste período de reformas, a China se consolidou como o primeiro país exportador de mercadorias do mundo.

Esse processo de reformas econômicas e crescimento acelerado veio acompanhado de crescentes desigualdades sociais e aumento da diferenciação das áreas rurais e urbanas. (FAIRBANK, 2010; ARRIGHI, 2007). Mas segundo o Arrighi “a assistência social básica continuou melhorando durante as reformas. A maior privação relativa causada pela desigualdade crescente, portanto, foi acompanhada de menos privação absoluta” (p. 380).

A desigualdade começou a corroer a estabilidade social e o resultado disso foram a proliferação de lutas sociais. “Os casos oficialmente registrados de ‘distúrbios da ordem pública’ (...) aumentaram de cerca de 10 mil em 1993 para 50 mil em 2002, 58 mil em 2003, 74 mil em 2004 e 87 mil em 2005, declinando levemente nos seis primeiros meses de 2006”. (Arrighi, 2008).

Este processo determinou corolários políticos internos, como a reunificação do território chinês após longo interregno de ocupação estrangeira, com a reintegração de Hong Kong, em 1997, e de Macau, em 1999, à República Popular da China, além do impedimento de Taiwan concretizar as suas tentativas de obter

o reconhecimento da comunidade internacional como nação independente. (Arrighi, 2008). No âmbito externo, especificamente no caso do Conselho de Segurança das Nações Unidas, podemos mencionar que, em plena Guerra Fria, em 1971 foram retirados os representantes da República da China, liderados por Chiang Kai-shek, e substituídos pelos representantes da República Popular da China, dando-lhe o *status* de país membro permanente com direito a veto no Conselho. Em 2001 a China passou a ser membro da Organização Mundial do Comércio (OMC), da qual permanecia excluída até então. Recentemente, a China ajudou a criar o Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS, do qual faz parte juntamente com Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, entre outros tantos aspectos.

Mas é importante ressaltar que o conflito da Praça Tiananmen (Praça da Paz Celestial), em 1989, significou um divisor d'águas, que levou ao fim da “lua-de-mel” da China com os Estados Unidos, após vinte anos da aceitação da República Popular da China nas Nações Unidas e a famosa viagem a Pequim do presidente Richard Nixon, em 1972, para a instauração de uma “parceria estratégica”. E desde então se sucedeu uma longa série de decepções e rusgas, entre os dois países, das quais cabe mencionar, o bombardeio da embaixada da China em Belgrado, em 1999 e o reforço das parcerias dos Estados Unidos com o Japão e a Coreia.

O dinamismo da economia chinesa, seus índices de crescimento, somado à expressiva população vem fazendo da China um ator importante na arena internacional. É importante ressaltar que hoje a China é a maior detentora dos títulos do Tesouro Norte-americano, o que ainda acrescenta mais à sua relevância internacional. Como aponta Arrighi (2008):

‘As consequências da ascensão da China são grandiosas. A China não é vassala dos Estados Unidos, como o Japão ou Taiwan, nem é uma simples cidade-Estado, como Hong Kong e Singapura. Embora seu poderio militar empalideça quando comparado ao dos Estados Unidos e o crescimento de suas indústrias ainda dependa das exportações para o mercado norte-americano, a riqueza e o poder dos Estados Unidos dependam igualmente, ou ainda mais, das importações de mercadorias chinesas baratas e da compra, por parte da China, de títulos do Tesouro norte-americano. O mais importante é que, cada vez mais, a China vem

substituindo os Estados Unidos como principal motor da expansão comercial e econômica na Ásia Oriental e em outras partes do mundo.” (Arrighi, 2008, p. 24).

## 1.2 AS RESPOSTAS TEÓRICAS ACERCA DA ASCENSÃO CHINESA

Após realizada a breve apresentação dos fatos e dados acerca da ascensão econômica da China nos últimos 30 anos, na seção anterior, pode-se perguntar como tem sido explicado o deslocamento do eixo mundial de dinamismo econômico ao Pacífico? Como tem sido interpretado o pujante crescimento chinês desde 1978 à atualidade, marcando quase 10% anual? Como a China conseguiu alcançar tamanha participação no PIB mundial, a ponto de se constituir a segunda potência econômica em três décadas? Adiante, categorizaremos algumas das principais contribuições ao debate sobre o fenômeno chinês.

As explicações no campo das perspectivas “endogenistas”, entre as quais poderíamos mencionar a Economia Liberal e a Sociologia Neoweberiana, explicaram a ascensão chinesa a partir do conjunto de reformas implementadas no interior da República Popular da China, desconexas das suas inter-relações com o sistema mundial. Alguns dos autores da Economia Liberal deram, por um lado, uma explicação unicausal analisando o crescimento da China pelas vantagens comparativas chinesas, como, por exemplo, a mão-de-obra barata (Lin *et al*, 1994). Outros autores explicaram a partir de análises multicausais, enfatizando as reformas implementadas na China e seus rendimentos, dando crédito ao “voluntarismo” do Presidente Deng Xiaoping e à implementação das Reformas conhecidas como as Quatro Modernizações: a poupança e abertura econômica, a retomada da propriedade privada, a instauração do “socialismo de mercado” e a inclusão da China no processo de globalização. (Fisher, 1996; Bardhan, 2007; Zafar, 2010; Bergolat, 2011). Entre os teóricos da Sociologia Neoweberiana, as análises estão focadas na crítica aos textos de Weber “*A ética protestante e o espírito do Capitalismo*”, “*A religião na China: Confucianismo e Taoísmo*” entre outros. Da releitura e re-significação do confucionismo na China,

emergiriam novos preceitos religioso-filosóficos, e daí uma nova cultura confucionista com valores que seriam afins à ação social levando à acumulação capitalista (Wei-Ming, 2005; Hu, 2007). Já outros autores, como Chung (2005) e Zhao (2000), deram importância ao fortalecimento do nacionalismo chinês e à retomada da compreensão da China e da Ásia do Leste como complexo de civilização cuja afirmação influiu na ascensão econômica.

Por outro lado, podemos ver uma série de correntes próprias do campo das Relações Internacionais preocupados principalmente com a ascensão da China na Economia Mundial e com a reconfiguração das relações com os EUA na questão da paz ou dos conflitos que possam vir a existir (Weede, 2010; Ikenberry, 2008). Cabe mencionar os principais teóricos do “neorrealismo” norte-americano, por um lado, Robert Kaplan (2005) quem com o seu livro *Como lutaríamos contra a China?* Vislumbra que a ascensão chinesa levará necessariamente a um conflito militar ou num impasse no estilo da Guerra Fria. Já o neorrealista Henry Kissinger (2005), considera evitável um confronto com a China, ressaltando a necessidade dos EUA cooperar com a China na busca de um sistema internacional estável - sempre e quando a China não comprometa os interesses estadunidenses na Ásia -, tendo em vista devastadoras consequências para a humanidade do desencadeamento de uma guerra nuclear. Além disso, Kissinger argumenta que o poder militar da China, é muito frágil em comparação ao dos EUA tendo em vista que o orçamento militar chinês não chega nem a 20% do orçamento norte-americano. Diferente dos neorrealistas, outros autores ressaltam a importância das doutrinas do governo chinês da “ascensão pacífica” (Buzan, 2010; Weede, 2010). É importante salientar que o discurso de “ascensão pacífica”, de fato foi aos poucos abandonado pelo governo da China em favor do “desenvolvimento pacífico” ou “coexistência pacífica”; e foram reforçados pelas declarações do ex-Presidente Hu Jintao sobre os “quatro não” (não a hegemonia, não à força, não aos blocos, não a corrida armamentista) Trata-se, segundo ele, de “construir a confiança, atenuar as dificuldades, desenvolver a cooperação, e evitar os confrontos” (Hu Jintao in Bulard, 2005).

Outra perspectiva é a dos teóricos marxistas Greenfield e Leong (1997) que criticaram as relações de produção capitalistas e de exploração na China após as reformas de Deng Xiaoping, que promoveram a liberalização da economia, o ressurgimento de propriedade privada, a implementação do neoliberalismo, etc. Nesse sentido Harvey (2005) também fala do “neoliberalismo com características chinesas”.

Mas podemos encontrar limites nas teorias e interpretações anteriores, já que elas explicam pouco ou de modo muito segmentado a ascensão da China. Analisam certas causas sem oferecer uma visão holística que leve em conta todos os aspectos que fazem parte deste complexo fenômeno. Como um país com as particularidades da China nos anos 70 conseguiu crescer a um ritmo tão espetacular, chegando em apenas 30 anos a se constituir na segunda economia mundial? Como conseguiu produzir produtos de alta tecnologia e se “modernizar” em tão curto tempo? Porque esse processo foi possível na China e não na África ou na América Latina?

Pode a ascensão chinesa ser explicada apenas a partir de fatores unicausais como a quantidade de mão-de-obra barata disponível, conforme propõe Lin *et al* (1994)? Podem as reformas internas de Deng Xiaoping explicar por si mesmas a vertiginosa ascensão chinesa, como apontam Fisher (1996), Bardhan (2007), Zafar (2010), Bergolat, (2011)? Ou deveriam ser considerados outros fatores e condições prévias que possibilitaram essas reformas? Se os valores e princípios confucionistas podem ter influenciado favoravelmente a ascensão da China, explicam eles por si só a ascensão chinesa? Se se classifica a China como “neoliberal”, como se explica o papel central do Estado no controle e planificação da economia? Pode a China ser categorizada como neoliberal se ao contrário do que nos demais países que adotaram as receitas neoliberais o Estado não se “minimizou”? Porque, se a China aplicou medidas supostamente neoliberais ascendeu e conseguiu se desenvolver em flagrante contraste com América Latina e a África, continentes campeões, nos anos 90, da implementação das medidas preconizadas pelo chamado Consenso de Washington?



O fenômeno chinês, ao construir um modelo próprio de reestruturação econômica e de desenvolvimento, questionou os paradoxos das Teorias do Desenvolvimento ocidentais hegemônicas que propunham as receitas ocidentais como as únicas possíveis para alcançar um patamar similar aos países europeus e norte-americanos. Estas teorias explicavam a situação dos países “subdesenvolvidos” como produto da “lentidão” dos mesmos em realizar a “decolagem” rumo ao desenvolvimento. (Rostow, 1960).

A análise de sistemas-mundos começou no contexto dos anos 70, com o declínio do poder norte-americano, no meio das crises desencadeadas pela elevação do preço do petróleo, as mobilizações sociais de 1968 e a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã, fatos que ocasionaram uma onda de estudos sobre a ascensão e queda das “hegemonias”. Os formuladores desta nova perspectiva teórica relacionam a ascensão da China à história do desenvolvimento capitalista mundial tendo em vista os seus aspectos econômicos, sociais, políticos e as suas relações tanto com o sistema interestatal quanto as relações estruturais do próprio desenvolvimento do sistema capitalista.

É por isso que este trabalho se propõe a fazer uma primeira aproximação às reflexões sobre o processo sistêmico que levou à emergência da China na Economia Mundial nos últimos 30 anos. Seu objetivo é trazer uma interpretação alternativa sobre a ascensão chinesa no contexto do desenvolvimento do Sistema-Mundial Contemporâneo, e os processos de acumulação capitalistas atuais a partir do enfoque de análise de Giovanni Arrighi. Tendo em vista as particularidades da China, a sua enorme população, o seu singular sistema político, o seu dinamismo econômico e as suas conexões tanto na *longue durée*, como no presente, esta análise tem como foco a sua relação com desenvolvimento da economia-mundo capitalista.

## **2. TEORIAS DO SISTEMAS-MUNDO COMO FERRAMENTAL TEÓRICO PARA ANALISAR A ASCENSÃO E DECLÍNIO HIERARQUICO NO PLANO INTERNACIONAL**

Neste capítulo se realiza uma apresentação das Teorias do Sistemas-Mundo TSM destacando a sua importância para a compreensão da ascensão e declínio hierárquico no plano internacional. Na segunda seção aprofundaremos no marco explicativo do autor italiano Giovanni Arrighi, um dos principais expoentes da TSM, e quem trabalhou a questão da ascensão da China em várias das suas obras.

## 2.1 SISTEMAS-MUNDO COMO FERRAMENTAL TEÓRICO

Este trabalho analisará a ascensão da China na Economia Mundial a partir do marco teórico-metodológico das correntes dentro das Teorias dos Sistemas-Mundo proposta por Giovanni Arrighi. Esta opção de enquadramento, empreendendo uma análise inserida na perspectiva das teorias do Sistema Mundo, está baseada na complexidade e unidisciplinaridade que é proposta pelos autores para entender o desenvolvimento do sistema capitalista mundial e os diferentes ciclos de acumulação que foram se sucedendo ao longo do tempo. Esta perspectiva crítica permite enxergar transversalmente os fenômenos econômicos, sociológicos e políticos e compreender as suas relações dentro da concepção histórica desenvolvida pelo Fernand Braudel de *longue durée*. Assim, a análise de Sistemas-Mundos se constitui como crítica às análises rigidamente disciplinares. Como Wallerstein aponta:

“Parte del problema es que hemos estudiado estos fenómenos en compartimientos estancos a los que hemos dado nombres especiales —política, economía, estructura social, cultura— sin advertir que dichos compartimientos eran construcciones de nuestra imaginación más que de la realidad.” (Wallerstein, 2006, p. 2).

Wallerstein faz a crítica à divisão deles em compartimentos estancos a partir da análise do próprio desenvolvimento e consolidação das ciências sociais e humanas no fim do século XIX até 1945, num contexto de auge de dominação política, econômica e cultural ocidental sobre o resto do mundo. Esta consolidação das ciências sociais fez com que elas ficassem separadas da História e que cada uma delas se dedicasse a um campo específico determinado: a Economia ao

mercado, a Ciência Política ao Estado e a Sociologia à sociedade civil, em quanto ficava à antropologia o estudos do resto do mundo não ocidental.

Ao propor esta ruptura com as ciências sociais tradicionais as TSM se constituem um “movimento do saber”, um movimento social intelectual. No momento que desenvolvem um esquema de pensamento que rejeita as categorias herdadas do século XIX, propõem uma nova forma de reorientação do modo com que se organiza a compreensão do mundo.

A Teoria do Sistema Mundo TSM surge a final dos nos anos 70 em um contexto de grande mobilização social e crítica às estruturas e categorias das ciências (Wallerstein in Vieira *et al*, 2012, p. 22). Ela é, por um lado, tributária do debate e crítica à Teoria da Modernização, da qual resgata a desconstrução que a mesma faz da ideia de que existe um modo civilizado separado do resto, como se fossem fenômenos epistemologicamente diferentes. Mas a TSM critica a Teoria da Modernização no momento em que ela defende a ideia de que “os países subdesenvolvidos poderiam alcançar os países desenvolvidos aprendendo com os modelos dos países mais avançados e fazendo certas mudanças nas suas práticas socioculturais” (Wallerstein in Vieira *et al*, 2012, p. 22).

Por outro lado, a TSM incorporou elementos do pensamento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) sob Raúl Prebisch, entre elas as teses de centro-periferia e intercâmbio desigual. Também se apropriou de elementos da Teoria da Dependência que põe em pauta a relação dialética entre o processo de desenvolvimento do centro e o subdesenvolvimento da periferia, como fenômenos completamente entrelaçados (Frank, 1968). A TSM também apresenta elementos apropriados dos debates do revisionismo marxista, dos quais cabe mencionar o debate sobre a “transição do feudalismo ao capitalismo” de autores marxistas Maurice Dobb, Paul Sweezy, etc. Os proponentes da TSM da discussão sobre o “modo de produção asiático” que gerou uma crítica à automaticidade sequencial dos modos de produção, contestando a ideia de progresso linear e abrindo a discussão da análise social marxista de diferentes partes do mundo reconhecendo suas especificidades e particularidades. Por fim, houve uma influência da História dos Anais de Fernand Braudel, pela importância

da *longue durée*, e seu resgate à ênfase de uma História socioeconômica preocupada também com os movimentos e tendências estruturais.

As principais referências do Sistema Mundo são os autores: Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrighi, André Gunder Frank, Samir Amin, Teotônio dos Santos, Kenneth Pomeranz, Chris Chase-Dunn, Thomas Hall, Beverly Silver, entre outros. A Teoria do Sistemas-Mundo não constitui um pensamento completamente unificado, os autores compartilham de pressupostos básicos comuns e cada um deles apresenta um esquema explicativo diferente.

As TSM apresentam um elemento chave no enfoque onde a unidade da análise é o sistema-mundo ao invés do estado-sociedade-formação social. ‘A palavra mundo de modo algum é sinônimo de global ou planetário, mas simplesmente se refere a uma unidade relativamente grande (em termos de área e de população) no interior da qual existe uma divisão axial do trabalho.’ (Wallerstein in Vieira *et al*, 2012). Outro dos elementos importantes dentro da perspectiva é a finitude dos sistemas, eles não são eternos, tem vida. Como sistemas eles existem dentro de um contexto histórico, são governados por um conjunto de regras que o definem e estruturam e no decorrer do tempo se afastam tanto do equilíbrio que o sistema entra em crise estrutural. Os sistemas são para a TSM históricos e sistêmicos. Retomam a ideia de Raúl Prebisch e dos dependentistas de que a brecha entre centro e periferia se está ampliando ao invés de diminuir.

Pelas razões expostas acima, e visto a complexidade da análise da ascensão da China na Economia Mundial, esta perspectiva teórica é, no nosso ponto de vista, a que mais variado menu teórico e empírico nos proporciona para lidar com este complexo fenômeno, já que permite uma análise histórica e sistêmica que permite interligar os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. E ao mesmo tempo que reorienta a compreensão do mundo para uma análise da realidade complexa, critica o eurocentrismo prevalente nas ciências sociais.

Entre os teóricos da TSM que trabalharam sobre a China podemos mencionar: André Gunder Frank, principalmente na obra “Reorientar”, na qual propôs que sempre existiu um sistema mundo, que poderia ter origem há uns 5000 anos e no qual a China sempre o foi o centro do mundo (exceto no período desde as guerras do ópio até recente ascensão chinesa). Outro dos autores que se focou principalmente na “grande divergência” entre a China e a Europa durante os séculos XVI e XVIII foi Kenneth Pomeranz, quem coloca a revolução industrial como o fator chave para tal divergência. E por último Giovanni Arrighi, quem teve publicado alguns livros falando sobre o tema: principalmente *‘The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives’* (2003) em conjunto com Takeshi Hamashita e Mark Selden e “Adam Smith em Pequim: Linhagens do século vinte um” (2008). Para os fins deste trabalho os argumentos desenvolvidos nos livros de Giovanni Arrighi serão expostos ao longo do próximo capítulo.

## 2.2 A PERSPECTIVA SISTÊMICA DE GIOVANNI ARRIGHI

O autor italiano Giovanni Arrighi (1937-2009) apresenta na sua obra “O longo Século XX” uma análise detalhada dos ciclos de acumulação capitalista ao longo da história do capitalismo como sistema mundial. O contexto da obra do Arrighi está dado a partir da crise dos anos 70 que o levou a pensar na ascensão, expansão e crise do sistema norte-americano de acumulação de capital. Este ciclo norte-americano faz parte de uma sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação aos quais deu o nome dos componentes que lideraram cada um dos ciclos em determinados períodos históricos (Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e Estados Unidos).

Ao longo da argumentação do autor dois aspectos são fundamentais e se encontram interligados: o sistema interestatal e a formação de um sistema capitalista mundial. E o autor dá ênfase às estratégias e estruturas governamentais e empresariais de cada uma das lideranças nos diferentes ciclos de acumulação. É importante salientar, que os ciclos em si referem-se ao sistema como um todo.

Giovanni Arrighi se inspira na obra de Braudel. Para Braudel, a economia se encontra dividida em três instâncias distintas: na parte inferior se encontra a chamada *vida material*, ou a camada da *não economia* que se refere a todas as atividades relacionadas às permutas e à autossuficiência, na qual indivíduos participam de forma intermitente na compra e venda de produtos. Depois se encontra uma camada intermediária a *economia de mercado*, a qual está composta de comerciantes que regularmente se dedicam a compra e venda de mercadorias e cuja recompensas são mais ou menos proporcional aos custos e riscos envolvidos nessas atividades, e finalmente a camada superior, que é aquela dedicada sistematicamente à procura de lucros, independentemente da natureza da atividade (financeira, comercial, agrícola, industrial) (Arrighi *et al.*, 2003).

Acima [dessa camada mais baixa] vem o campo favorecido da economia do mercado, com suas muitas comunicações horizontais entre os diferentes mercados: aqui, uma certa medidade coordenação automática costuma ligar a oferta, a demanda e os preços. Depois, ao longo dessa camada, ou melhor, acima dela vem a zona do antimercado, onde circulam os grandes predadores e vigora a lei da selva. Este – hoje como no passado, antes e depois da revolução industrial – é o verdadeiro lar do capitalismo. (Braudel, 1987).

(...) o capitalismo deriva, por excelência, das atividades econômicas desenvolvidas na cúpula ou que tendem para a cúpula. Por conseguinte, esse, capitalismo de alto vôo flutua sobre a dupla espessura subjacente da vida material e da economia coerente do mercado, representa a zona de alto lucro. (Braudel, 1987).

Ao longo da sua análise, Braudel demonstrou que a financeirização esteve relacionada à superacumulação do capital desde os começos do capitalismo histórico, inclusive muito antes de o capitalismo se associar ao industrialismo. No seu estudo histórico, Braudel apresenta uma série de datas, lugares e agentes históricos que lhe permitem fundamentar que o desenvolvimento capitalista ao chegar numa fase de expansão financeira, no mesmo tempo que anuncia a sua maturidade anuncia “um sinal de outono”. (Braudel in Arrighi, 2008).

Deste forma, Arrighi entende que o capital financeiro não é o estágio mais recente e avançado do capitalismo, ao contrário é um fenômeno que se repete e que marcou a era capitalista desde seus primórdios. Ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista, as etapas de financeirização da economia assinalaram a transição de um regime de acumulação para outro. (Arrighi, 2012).

A partir dessas observações, Arrighi propôs uma reinterpretação da fórmula geral do capital definida por Marx  $DMD'$  [Dinheiro (D) Mercadorias (M)]; que para Arrighi em vez de descrever a lógica de investimentos isolados poderia descrever um padrão constante do capitalismo mundial.

‘da formula geral do capital definida por Marx ( $DMD'$ ) que, em vez de descrever a lógica dos investimentos isolados, poderia servir como padrão constante do capitalismo mundial. O aspecto central desse padrão é a alternância de épocas de expansão material (fases  $DM$  de acumulação de capital), com fases de expansão financeira ( $DM'$ ). Nas fases de expansão material, o capital dinheiro (D) põe em movimento uma massa cada vez maior de mercadorias (M), inclusive força de trabalho e dons da natureza; e em fases de expansão financeira, uma massa cada vez maior de capital dinheiro ( $D'$ ) liberta-se da forma de mercadoria e a acumulação prossegue com negociações financeiras (como na fórmula abreviada de Marx,  $DD'$ ). Em conjunto, essas duas épocas ou fases constituem o que chamei de ciclo sistêmico de acumulação.’ (Arrighi, 2008 pg. 240).

O autor identificou então quatro ciclos de acumulação capitalista, cada um deles englobando um século “longo” que tiveram um período de expansão material, no qual o capital flui para o comércio e a produção. Esta expansão material acaba levando ao processo de super acumulação do capital, o que faz cair a taxa de retorno das atividades que anteriormente promoveram a expansão material. A baixa dos lucros, faz com que os capitalistas conservem uma parte cada vez maior de capitais na forma líquida, desta forma se criam as condições para uma fase de financeirização, na qual o capital se volta para a especulação e intermediação financeira. O primeiro ciclo que Arrighi identificou foi: o ciclo ibero-genovês desde o século XV ao início do XVII; continuado pelo ciclo holandês, do fim do século XVI ao fim do século XVIII; o ciclo britânico, de meados do século XVIII ao início do século XX; e o ciclo norte-americano, do fim do século XIX à mais recente expansão financeira (Arrighi, 2012; 2008). O nome dos ciclos está dado pelos agentes governamentais e empresariais que o definiram e que conduziram o sistema capitalista mundial rumo à expansão material, e em seguida, financeira.

Giovanni Arrighi, ao teorizar o desenvolvimento histórico do capitalismo, analisou cada um dos ciclos de acumulação liderados por uma potência

hegemônica (iniciando em Genova no século XV, passando pelas Províncias Unidas dos Países Baixos, o Reino Unido e os Estados Unidos). Segundo o autor, cada ciclo corresponde a diferentes fases de expansões materiais e financeiras seguidas de períodos de estagnação e crises. A resolução das crises de acumulação tem desenvolvido uma mudança na liderança dos processos mundiais de acumulação. Para o autor:

O conceito de “hegemonia mundial” (...) refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento. Historicamente, entretanto, o governo de um sistema de Estados soberanos sempre implicou algum tipo de ação transformadora, que alterou fundamentalmente o modo de funcionamento do sistema.

Esse poder é algo maior e diferente da “dominação” pura e simples. É o poder associado à dominação, ampliada pelo exercício da “liderança intelectual e moral”. (Arrighi, 1994, p. 28).

Arrighi vai dizer que enquanto a dominação será primordialmente fundamentada na coerção, a hegemonia, “será aquele poder *adicional* que é conquistado por um grupo dominante, em virtude de sua capacidade de colocar num plano “universal” todas as questões que geram conflito”. (Arrighi, 1994, p. 28). No momento em que esse poder de representar o interesse geral seja corrompido ou perca toda legitimidade, a potência deixará de ser hegemônica.

Segundo Arrighi a palavra hegemonia significa no seu sentido etimológico “liderança”, mas conforme mencionado anteriormente, tem também uma conotação aceita de “dominação”. Esses problemas consistem em que a palavra liderança tem um duplo sentido, ela pode significar que “um estado dominante exerce uma função hegemônica quando lidera o sistema de Estados numa direção desejada e, com isso, é percebido como buscando um interesse geral”. (Arrighi, 2012, p. 29). Mas ao mesmo tempo um Estado dominante pode conduzir uma liderança no sentido de se colocar como exemplo para os demais seguirem o mesmo caminho para o desenvolvimento. O fato é que, ao longo do tempo, aumenta a competição pelo poder, em vez de aumentar o poder do *hegemon*. Mas a situação de hegemonia, segundo Arrighi, somente se configura quando o Estado lidera em sentido de levar o sistema na busca de um “interesse geral” conveniente



ao *hegemon*. Aí temos o segundo problema já que esse “interesse geral” é muito mais difícil de ser definido num sistema interestatal do que no interior dos Estados-nacionais. A potência hegemônica pode se tornar líder numa região ou coalizão, mas nunca no sistema interestatal como um todo. Pelo que:

As hegemonias mundiais, como aqui entendidas, só podem emergir quando a busca do poder pelos Estados inter-relacionados não é o único objetivo da ação estatal. Na verdade, a busca do poder no sistema interestatal é apenas um lado da moeda que define, conjuntamente, a estratégia e a estrutura dos Estados enquanto organizações. O outro lado é a maximização do poder perante os cidadãos. Portanto, um Estado pode tornar-se mundialmente hegemônico por estar apto a alegar, com credibilidade, que é a força matriz de uma expansão geral do poder *coletivo* dos governantes perante os indivíduos. Ou, inversamente, pode tornar-se mundialmente hegemônico por ser capaz de afirmar, com credibilidade, que a expansão de seu poder em relação a um ou até a todos os outros Estados é do interesse geral dos cidadãos de todos eles. (Arrighi, 1994, p. 29, 30).

Para o autor, tarde ou cedo o desenvolvimento da acumulação capitalista chegará a um estágio determinado que nenhum Estado específico terá poder suficiente que lhe possa permitir a liderar a mudança da acumulação para se constituir na nova potência hegemônica. (Arrighi, 2012). Para Arrighi, os períodos de “caos sistêmico” constituem uma situação de falta total e aparentemente irremediável de uma liderança clara que consiga dar respostas e organizar a escalada do conflito que gera o processo de declínio da potência hegemônica. E na qual não existe nenhum “Estado ou grupo de Estados que esteja em condições de atender a essa demanda sistêmica de ordem tem a oportunidade de se tornar mundialmente hegemônico”. (Arrighi, 2012, p. 30).

É importante salientar que Giovanni Arrighi ao comparar as evoluções e transformações que vieram acompanhadas a cada um dos ciclos de acumulação liderados por agentes governamentais e empresariais, “dotados da capacidade de levar a expansão da economia capitalista mundial um passo além do que podiam ou queriam fazer os promotores e organizadores da expansão precedente” (Arrighi, 2012, p. 89), o autor encontra no processo atual anomalias com respeito aos processos de transição anteriores. Entre elas podemos mencionar que no passado o hegemon em declínio transfere capital excedente para os centros de

ascensão, na atualidade os Estados Unidos se transformaram nos maiores devedores e a China a maior nação credora. Além disso, todas as hegemonias anteriores reorganizaram o sistema mundial e acomodaram demandas sociais cada vez mais amplas os custos da externalização dos custos de reprodução do trabalho e da natureza, mas o sistema de desenvolvimento até agora foi baseado num modelo ecologicamente insustentável e excludente. Fato que faz praticamente impossível uma nova expansão material sem gerar enormes conflitos ecológicos. (Arrighi in Vieira *et al*, 2012).

É importante ressaltar que logo no começo das suas reflexões, Arrighi define o capitalismo em contraste com o territorialismo, e apresenta as particularidades de ambos os sistemas e as suas lógicas diferenciadas de poder:

(...) é a definição entre “capitalismo” e “territorialismo” como dos modos opostos de governo ou de lógica do poder. Os governantes territorialistas identificam o poder com a extensão e a densidade populacional de seus domínios, concebendo a riqueza/o capital como meio ou um subproduto da busca de expansão territorial. Os governantes capitalistas, ao contrário, identificam o poder com a extensão de seu controle sobre os recursos escassos e consideram as aquisições territoriais um meio e um subproduto da acumulação de capital. (Arrighi, 2012, p. 33).

(...) capitalismo e territorialismo representam estratégias alternativas de formação do Estado. Na estratégia territorialista, o controle do território e da população é o objetivo de gestão do Estado e da Guerra, enquanto o controle do capital circulante é o meio. Na estratégia capitalista, a relação entre os meios e os fins se inverte: o controle do capital circulante é o objetivo, enquanto o controle do território e da população é o meio. (Arrighi, 2012, p. 34).

Para Arrighi, a diferença fundamental que provocou esta divergência de caminhos diferenciados quanto à China e a Europa estavam associadas a um desequilíbrio estrutural do comércio europeu com o Oriente:

Como assinalou Eric Wolf, a Ásia fora, desde a época dos romanos, uma fornecedora de produtos valorizados para as classes coletoras de tributos da Europa e, com isso, havia exercido uma poderosa atração sobre os metais preciosos da Europa. Esse desequilíbrio estrutural do comércio europeu com o Oriente criava um forte incentivo para que os governos e os negociantes europeu buscassem meios e modos, através do comércio ou da conquista, de recuperar o poder aquisitivo que era implacavelmente drenado do Ocidente para o Oriente.

Decorre daí que, para Portugal e outros Estados europeus, os benefícios que se poderiam esperar da descoberta e controle de uma

rota direta para o Oriente eram incomparavelmente maiores do que, para o estado chinês, os benefícios que se poderiam esperar da descoberta e controle de uma rota direta para o Ocidente. Cristóvão Colombo tropeçou nas Américas porque ele e seus patrocinadores de Castela tinham um tesouro a recuperar no Oriente. Cheng Ho não teve a mesma sorte, porque não havia nenhum tesouro a recuperar no Ocidente. (Arrighi, 2012. pg. 35).

Para o autor, o Estado imperial chinês e a sua longuíssima duração foi um claro exemplo histórico de uma organização territorialista que conseguiu não cair na armadilha do hiper-expansionismo descrita por Paul Kennedy (1987), que levou às quedas das grandes potências ocidentais ao longo da história. Mesmo retendo que o seu livro 'O longo século XX' esteja focado no debate acerca dos ciclos de acumulação e expansão capitalistas e os fragmentos anteriores constituam passagens periféricas da discussão central do livro, consideramos importantes as suas referências, já que trazem elementos que podem vir a contribuir na compreensão da China ao longo da História em termos da larga duração.

Estas comparações entre o sistema territorialista e capitalista, fazem referência aos dois modelos vigentes no século XV, representados principalmente pela China, como o maior Estado territorialista, e as recentes Cidades-Estados Venezianas, que teriam impulsionado a primeira experiência de expansão do capitalismo como sistema econômico-político em que o Estado se regeu pelas necessidades de um regime de acumulação especificamente capitalista, como aponta Braudel:

Assim, o Estado moderno, que não fez o capitalismo mas o herdou, ora o favorece, ora o desfavorece; ora o deixa estender-se, ora lhe quebra as molas. O capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando ele é o Estado. Em sua primeira grande fase, nas cidades-Estados da Itália, em Veneza, em Gênova, em Florença, é a elite do dinheiro quem detém o poder. Na Holanda, no século XVII, a aristocracia dos Regentes governa no interesse e inclusive de acordo com as diretrizes traçadas pelos homens de negócios, negociantes e administradores de fundos. Na Inglaterra, a revolução de 1688 marca analogamente um advento dos negócios à holandesa. ((Braudel 1977, pg. 64-5).

A partir de esquema teórico proposto por Arrighi pode-se afirmar que após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos ascenderam como a potência

hegemônica num sistema internacional que seria marcado pelas relações bipolares com a União Soviética, no contexto da Guerra Fria. Com a crise financeira nos anos 70, a desaceleração das economias do centro do sistema capitalista e a implosão da URSS na década de 80, reavivou-se o debate acerca do auge e declínio das hegemonias. Tanto Arrighi como Wallerstein afirmarão que com a crise econômica da década de 1970 desencadeou um processo de declínio da hegemonia norte-americana, fato que está relacionada ao traslado do dinamismo da economia mundial à Ásia (Arrighi, 2003, 2007, 2012; Wallerstein, 2004). Esse declínio foi aprofundado com a crise financeira de 2008. As crises econômicas, somadas às derrotas militares dos EUA no Vietnã nos anos 70 e o fracasso da ocupação do Iraque, após o atentado de 2001, sepultaram a possibilidade de um “Segundo Século Americano”. Mas como pode explicar a ascensão da Ásia e, especificamente, da China na Economia Mundial?

### **3. A ASCENSÃO CHINESA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO SISTEMA-MUNDO.**

Tendo este trabalho se inserido na discussão proposta pela análise do sistema-mundo não pode menos que fazer uma tentativa de explicar a ascensão chinesa dentro da perspectiva da longa duração proposta por Braudel e retomada pelos teóricos do sistema-mundo. É importante ressaltar que a ascensão da China no final do século XX despertou também acalorados debates que levaram inclusive ao revisionismo da tese de hegemonia Europeia e Ocidental na “História Mundial”. As críticas ao eurocentrismo que lastreia a Teoria Social, que teve seus fundamentos no pensamento do Montesquieu, Weber, Marx, Hegel, Jones, Mokyr, Diamond, Hall, Tilly, entre outros, deram lugar ao surgimento de críticas sobre a excepcionalidade ocidental que levou ao surgimento do capitalismo como sistema mundial no século XVI. A maioria dos críticos apontam que até meados do século XIX existia um sistema económico centrado na China, entre os quais cabe mencionar Frank, Pomeranz, Wong, Woodside, Hobson, Goonatilake, Sugihara, entre outros.

Os autores “asia-cêntricos” alegam a superioridade da China em termos tecnológicos, populacionais e econômicos. Em 1820, por exemplo, o PIB da China respondia por 30% do PIB Mundial (Bergolat, 2011, p.15). Esta estatura chinesa perduraria até as derrotas contra a Inglaterra nas Guerras do Ópio, entrado o século XIX. Para a maioria desses autores, o dinamismo atual da China representaria o ressurgimento da Ásia, ou seja, um possível (?) retorno à centralidade asiática no âmbito da Economia Mundial, especificamente no que concerne à China. Claro que este constitui um debate amplo que procura criticar as explicações até recentemente dadas sobre o porquê do surgimento do capitalismo na Europa, o fenômeno da expansão europeia e a transição do feudalismo ao capitalismo, a partir de elementos intrínsecos ao desenvolvimento e progresso europeu. Se bem é um debate que se pretende ampliar em trabalhos futuros, por considerá-lo um elemento importante para a compreensão não só do passado mas também do presente, nesta seção se aprofundará a proposta apresentada por Giovanni Arrighi nos seus livros *‘The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives’* (2003) em conjunto com Takeshi Hamashita e Mark Selden e “Adam Smith em Pequim: Linhagens do século vinte um” (2008).

### 3.1 “THE RESURGENCE OF EAST ASIA: 500, 150 and 50 years perspectives.”

Neste capítulo se apresentaram os argumentos mais importantes do livro *‘The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives’* (2003) escrito por Giovanni Arrighi, Takeshi Hamashita e Mark Selden. A explicação dos autores para a ascensão da China atual parte do marco explicativo das Teorias do Sistemas-Mundo, pelo que os autores se remontam à China na *longue durée* para encontrar as raízes do fenômeno contemporâneo de emergência ou reemergência da China. É por isto que o capítulo contará com duas seções: a primeira *A China na longue durée* e a segunda *a Ascensão da China na Economia-Mundo contemporânea*.

### 3.1.1 A China na *longue durée*

No livro “The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives” os autores analisam e rediscutem o surgimento do capitalismo a partir de um esquema analítico que leva em consideração as relações do Ocidente – entendido como o sistema interestatal europeu – com a Ásia do Leste, composta por um sistema tributário centrado na China. Segundo os autores a “Ascensão do Ocidente” constitui um dos enigmas mais chamativos da relação Oriente-Ocidente. É importante ressaltar que o Ocidente - o sistema interestatal europeu - constituía uma zona periférica e caótica dentro de uma economia global centrada na Ásia. Os autores se perguntam como é que a Europa conseguiu ascender, a final do século XV, e se expandir pelo Atlântico e Cabo. Essa expansão chegou a se consolidar a meados do século XIX no globo todo, chegando a reduzir o sistema tributário asiático centrado na China a uma sub-região dentro do novo sistema econômico eurocêntrico. A minúscula “Grã” Bretanha, como a chamam os autores, conseguiu incorporar a Índia e subordinar depois a China com a ajuda das outras potências ocidentais. Segundo os autores o desenvolvimento econômico da Ásia Oriental, foi durante o século XVIII, tão avançado quanto o da Europa, inclusive até o início do século XVIII o mercado nacional chinês superava em tamanho e densidade, qualquer outro mercado nacional do mundo, devido à comercialização, produtividade agrícola, sofisticação das manufaturas e ingressos *per capita* que de fato superavam a vários dos países desenvolvidos da época (Pomeranz, 1999; Frank, 1998, Wong, 1997). A divergência após meados do século XVIII não pode se explicar pela superioridade técnica ou organizativa do Ocidente. Desta forma, os autores em questão criticam as explicações dadas até o momento em que a China e a Ásia são caracterizadas como regiões “atrasadas” ou não desenvolvidas. Assim como também, trazem críticas às explicações marxistas sobre a China.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução livre da autora: “A teoria marxista ortodoxa ameaçava minar esse foco na singularidade da China, colocando a China em um padrão universal de seis estágios de evolução social. Mas muitas das possibilidades comparativas oferecidas pela crença marxista em estágios universais foram rebatidas através da criação de uma outra versão da história dinástica. A maioria dos

Arrighi *et al.* vão centrar a análise nos dois aspectos sistêmicos fundamentais ao longo da argumentação teórica proposta por Arrighi de modo a entender a dinâmica macro nas duas regiões da Europa e a Ásia: o primeiro deles é o aspecto do papel das relações interestatais dentro e entre as regiões e, por outro, o papel do desenvolvimento do capitalismo na formação regional e global.

O interessante da argumentação proposta por estes autores é que na análise do surgimento e desenvolvimento do capitalismo, a partir do século XV, apresenta ferramentas chaves para a compreensão da ascensão do Leste Asiático atual. Neste sentido, a convergência de fatores estruturais, políticos, econômicos, sociais e históricos, tanto da *longue durée* como conjunturais, apresentam elementos centrais para a análise do capitalismo contemporâneo.

---

historiadores marxistas chineses definiram o estágio "feudal", como uma estrutura essencialmente imutável, uma economia auto-suficiente e uma mesma estrutura social que durou desde a unificação Qin, no século III DC até o final do Qing em 1911. O "feudalismo imperial" da China acabou por ser muito mais longo do que a de qualquer outro império agrário. Historiadores chineses debateram intensamente a época e extensão dos "brotes do capitalismo" dentro da estrutura feudal, mas eles nunca se referiram à possibilidade de existência de "brotes" em outros impérios não europeus. Quase todos eles concluíram que a China, ao contrário da Europa, nunca rompeu a uma nova etapa capitalista antes de 1911. Classificando China como "semi-colonial", no século XIX, mais uma vez a colocaram fora da grande maioria do mundo não-europeu que foi conquistada pelo imperialismo europeu. A outra visão marxista para a China, foi a dada pelo conceito do modo de produção asiático, defendido pelo próprio Marx, o qual coloca a China ao lado de outros impérios não europeus. Os defensores do Modo asiático tiveram como objetivo romper a camisa de força linear imposta por Stalin e os marxistas ortodoxos, de modo a afirmar rotas variantes para o socialismo e estratégias políticas adequadas para realizá-lo. Mas desde que o modo asiático repousava sobre uma suposição básica de estagnação asiática, foi categoricamente rejeitada por quase todos os analistas chineses (Fogel, 1988). Na opinião da maioria dos analistas marxistas, a longa história burocrática da China colocá-la em uma categoria sozinha."(ARRIGHI *et al*, 2003 pg.57). Texto original: Orthodox Marxist theory threatened to undercut this focus on China's uniqueness, by placing China in a universal pattern of six stages of social evolution. But many of the comparative possibilities opened up by the Marxist belief in universal stages were closed off by creating another version of dynastic history. Most Chinese Marxist historians defined the "feudal" stage as an essentially unchanging, self-sufficient economic and social structure lasting from the Qin unification in the third century BC through the end of the Qing in AD1911. China's imperial "feudalism" turned out to be much longer than that of any other agrarian empire. Chinese historians debated intensively the timing and extent of "sprouts of capitalism" within the feudal structure, but they never referred to the possibility of "sprouts" in other non-European empires. Nearly all of them concluded that China, unlike Europe, never broke through to a new capitalist stage before 1911. Classifying China as "semi-colonial" in the nineteenth century once again set her off from the vast majority of the non-European world that was conquered by European imperialism. The other Marxist option for China, that of the Asiatic Mode of Production, one endorsed by Marx himself, did place China alongside other non-European empires. Proponents of the Asiatic Mode aimed to break out of the linear straitjacket imposed by Stalin on orthodox Marxists, so as to assert variant routes to socialism and appropriate political strategies to realize it. But since the Asiatic Mode rested on a basic assumption of Asian stagnation, it was roundly rejected by nearly all Chinese analysts (Fogel 1988). In the view of most Marxist analysts, China's long bureaucratic history put her in a category all by herself." (ARRIGHI *et al*, 2003 pg.57).

Tendo em vista esses dois aspectos fundamentais, os autores comparam as estruturas e a organização dos dois sistemas: o europeu e o do Leste Asiático, durante o que Braudel chamou de Longo Século XVI que se estende desde 1350 a 1640. Este período coincide com o domínio da dinastia Ming na China, o qual começa em 1368 e termina em 1643. No curso destes séculos, as duas regiões confluem e se encontram para logo acabar divergindo nas suas trajetórias. As origens destas configurações podem ser traçadas como resultado das respostas de cada região ao fim do Império Mongol e o consequente declínio do sistema de comércio mundial Afroeuroasiático<sup>5</sup>.

A resposta europeia foi caracterizada, segundo os autores, por longas guerras que favoreceram uma dinâmica capitalista no sentido braudeliano nas relações interestatais e intraestatais. Cabe mencionar, entre outros conflitos, a Guerra Italiana dos Cem Anos, a guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra, a expulsão dos Mouros pela unificação de Castela e Aragão. Segundo os mesmos autores, cada uma destas guerras favoreceu, por um lado, o processo de construção dos Estados-Nacionais baseados no modelo do *proto* Estado ou Cidade-Estado de Veneza, a vencedora da Guerra Italiana dos Cem Anos, e por outro lado, e fomentou uma lógica de competição sobre as bases da lógica capitalista de acumulação e o militarismo. Estas lógicas sustentaram e foram sustentadas por uma expansão política e econômica às expensas de outros povos não europeus que foram dominados sob enormes impérios de ultramar.

Diferentemente na Ásia do Leste, os autores observam como a natureza da competição entre os estados era muito diferente. É de ressaltar que China conseguiu uma posição hegemônica muito estável no sistema regional asiático, inclusive, como menciona Takeshi Hamashita durante “os períodos comumente prolongados de estabilidade, o sistema tributário de comércio sinocêntrico frequentemente forneceu uma base para mediar as relações interestatais articulando hierarquias e recorreu minimamente à guerra, a diferença certamente

---

<sup>5</sup> Ver Janet Abu-Lughod (1989).



da Europa.” (Hamashita, T. in Arrighi *et al*, 2003 pg. 261). A organização na Ásia do Leste se constituía como um sistema tributário centrado na China, no qual o comércio estava mais regulado do que no sistema europeu. O comércio privado, geralmente dedicado ao comércio exterior que ligava o centro e litoral do sudeste da China ao resto da Ásia do Leste e Sul, não era totalmente independente do controle (mesmo que às vezes desrespeitava os editos imperiais). A relação da China com o resto das regiões da Ásia era diferente da relação entre os estados europeus, já que se tratava de uma relação em que o sistema tributário comercial forneceu-lhes um quadro de mutua interação político-econômica que, foi o suficientemente solto para dotar a seus componentes periféricos de autonomia em relação a China.<sup>6</sup> (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 269). Além disso é importante salientar que:

“Desde o estabelecimento de um sistema de tributação unificado sob as dinastias Qin e Han há mais de dois mil anos atrás, as relações tributárias entre corte imperial chinesa e seu vassallos não incluía o recolhimento de um imposto. Pelo contrário, especialmente após a dinastia Tang, e com a única exceção da dinastia Yuan, os estados vassallos ofereciam à corte imperial apenas presentes simbólicos e recebiam em troca presentes mais valiosos. O que era nominalmente chamado de "tributo" era na verdade uma transação de duas vias motivada pelo interesse simbólico ou material do vassallo e do Estado central - uma transação de duas vias em que os vassallos muitas vezes se beneficiavam economicamente muito mais do que o Estado central".<sup>7</sup> (Gao, 1993 Pg.1, 78).

Os autores ressaltam que durante o período da dinastia Song<sup>8</sup> (1127-1276) o comércio marítimo privado tinha se expandido enormemente, chegando a

---

<sup>6</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “the tribute-trade system provided them with a symbolic framework of mutual political-economic interaction that nonetheless was loose enough to endow its peripheral components with considerable autonomy vis-à-vis the China center”. (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 269).

<sup>7</sup> Tradução livre da autora. Texto original: Ever since the establishment of a unified taxation system under the Qin and Han dynasties more than two thousand years ago, however, tributary relations between Chinese imperial court and its vassal states no longer included the collection of a tax. On the contrary, especially after the Tang dynasty, and with the sole exception of the Yuan dynasty, vassal states offered the imperial court only symbolic gifts and received in return more valuable gifts. What was nominally called “tribute” was in fact a two-way transaction motivated by the symbolic or material interest of the vassal and central-state – a two-way transaction in which the vassals often benefited economically far more than the central state.” (Gao, 1993 pg.1, 78).

<sup>8</sup> Ver anexo 1.

desenvolver importantes técnicas de navegação, entre elas o uso da bússola. Mas após as guerras com os Mongóis e Tungusic nas fronteiras do norte da China, a corte Song cortou o apoio ao comércio e se voltou para o controle do norte tentando preservar as rotas da seda e o monopólio estatal do sal, ferro e a produção vinícola. As perdas territoriais no norte provocaram o incremento das migrações do norte ao sul da China às regiões do Rio Yangtzé, que apresentavam um clima mais propício para o cultivo do arroz. O incremento da oferta promovida pela revolução da agricultura gerada pelo clima favorável e as novas técnicas de cultivo, favoreceu o crescimento demográfico da China e promoveu que uma parte maior da população se dedicasse a atividades não agrícolas.

"Sob o impacto do estímulo do Estado e o desenvolvimento do cultivo húmido de arroz, o comércio marítimo e a economia de mercado das regiões costeiras entrou em um longo período de ascensão caracterizada por avanços na tecnologia de navegação, a consolidação da "rota da seda marítima", e o florescimento de Guangzhou, Quanzhou, e cidades portuárias menores na costa sudeste como centros de comércio tributário. Ao mesmo tempo, o comércio marítimo privado, que ligou as regiões costeiras da China e o Mar do Sul da China, e foi estimulado pela formação de comunidades chinesas em todas as regiões insulares do Sudeste Asiático, logo ultrapassou o comércio oficial ou tributário para tornar-se o modo dominante de intercâmbio econômico entre a China e Ásia marítima.<sup>9</sup>" (Lo 1969, pg 57-8; Quan, 1991a pg 405-8; Hui, 1995 .pg 29-30 em Arrighi *et al* 2003, pg 270).

O desenvolvimento comercial ultrapassou a queda da dinastia Song e continuou sob a dinastia Yuan, a qual fomentou o comércio marítimo privado e estendeu as conexões comerciais ao redor dos mares do Sul e o Oceano Índico. Uma questão importante que os autores apontam é que "As principais tendências que caracterizaram a transformação capitalista do sistema europeu pode, assim,

---

<sup>9</sup> Tradução livre da autora. Texto original: 'Under the impact of state encouragement and the development of wetrice cultivation, the maritime trade and the market economy of the coastal regions entered a long upswing characterized by advances in navigation technology, the consolidation of the "sea silk route," and the flourishing of Guangzhou, Quanzhou, and smaller port cities on the Southeastern coast as centers of tributary trade. At the same time, private sea trade, linking China's coastal regions and the South China Sea, spurred by the formation of Chinese communities throughout insular Southeast Asia, soon surpassed official or tributary trade to become the dominant mode of economic exchange between China and maritime Asia.' (Lo 1969, pg. 57–8; Quan, 1991a pg. 405–8; Hui, 1995 pg 29–30 in Arrighi *et al.* 2003, pg. 270).

ser detectado também no sistema da Ásia do Leste<sup>10</sup> (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 271). Mas sob a dinastia Ming essas tendências não prevaleceram como o fizeram na Europa, já que existiu um controle estatal que priorizou a segurança e fortaleceu o comércio interno proibindo o comércio exterior. As políticas de fechamento da China acabaram gerando problemas à dinastia Ming gerando uma crise que caracterizou a transição da dinastia Yuan à Ming. Uma vez consolidada esta última transferiu a capital de Nanjing à Beijing com a intenção de proteger o norte das invasões mongólicas. Para fomentar o desenvolvimento de uma economia nacional, a dinastia Ming reparou e expandiu os canais conectando as prósperas regiões produtoras de arroz no sul com o centro político no norte e as manufaturas têxteis de algodão. Para fomentar a expansão do mercado nacional a dinastia Ming também impôs restrições administrativas para o comércio marítimo e a migração ao sul da Ásia, tentando manter o controle sob os chineses de ultramar e os mercadores japoneses.

Segundo os autores as tentativas de controle por parte da dinastia Ming ao comércio marítimo durante a segunda metade do século XVI acabou num período de crises econômica, política e social gerada principalmente pela crescente corrupção dos funcionários que cediam ao mercadores e pelo aumento do déficit orçamentário. Esta situação foi agravada ainda pela invasão dos Jurchens no norte. O crescente distúrbio social acabou num plano de reformas impositivas e abertura do comércio marítimo. O antigo papel-moeda foi substituído por um *standard* de prata, fruto do fluxo de prata de ultramar primeiro com Japão e depois pela Europa e as Américas. Conforme observado por Arrighi e seus colegas, "Não é por acaso histórico que a mudança coincidiu com a conquista espanhola das Filipinas no final dos anos 1560 e da abertura das minas de prata de Potosí (na atual Bolívia) na década de 1570".<sup>11</sup> (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 273). Os navios espanhóis assentados em Manila para pagar a China pelas exportações ajudou a

---

<sup>10</sup> Tradução livre da autora. Texto original: "the main tendencies that characterized the capitalist transformation of the European system can thus be detected also in the East Asia system" (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 271).

<sup>11</sup> Tradução livre da autora. Texto original: "it is no historical accident that the shift coincided with the Spanish conquest of the Philippines in the late 1560s and the opening of the Potosi silver mines (in present Bolivia) in the 1570s." (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 273).

resolver a crise econômica dos Ming. Assim começou um novo período de relações entre a China e na Europa. Segundo Fynn *et al.*

"três quartos da prata do Novo Mundo encontraram o seu caminho para a China, como produto tanto da competitividade da China nas suas exportações de seda, porcelana e chá, como pela sede chinesa pela prata que levou os preços da mesma para níveis duas vezes maiores que o preço vigente na outra parte do mundo" <sup>12</sup>(1999, pg 23-4.).<sup>13</sup>

Assim, o sistema regional do Leste Asiático se tornou o mais rico, produtivo e expansivo da Ásia, fortalecendo o comércio de ultramar e enriquecendo não só a dinastia mas também os mercadores chineses. O poder destes últimos foi consolidado com o apoio dos europeus, junto com os quais começaram a comerciar violando as restrições do governo central. Se bem os europeus destruíram várias redes comerciais tradicionais com a intenção de controlar os recursos e mão-de-obra local, os chineses de ultramar que escaparam da arremetida europeia se consolidaram como comerciantes intermediários entre os europeus e as populações regionais.

As dificuldades financeiras da dinastia Ming somadas às invasões das forças japonesas na Coreia em 1590, as guerras com os Manchus e a crescente corrupção entre os funcionários acabou gerando uma turbulência que desencadeou o fim da dinastia Ming, em 1644, e a consolidação da dinastia Qing. Durante esse período surgiu no sul da China um império mercantil paralelo liderado por Zheng Zhilong, quem se auto denominava "Rei do sul da China", quem monopolizava o comércio de cerâmica e seda ao longo da Ásia do Sul, expulso inclusive os Holandeses e fundou o reino de Taiwan. Chumei Ho acrescenta que

As redes de inteligência comercial e política de Zheng foram pelo menos tão eficaz quanto as de qualquer um de seus principais inimigos,

---

<sup>12</sup> Tradução livre da autora. Texto original: three-quarters of new world silver found its way to China, a product both of China's competitive exports of silk, porcelain and tea, and a Chinese thirst for silver that drove silver prices to levels twice those prevailing in other part of the world" (1999, pg. 23-4).

<sup>13</sup> Ver também Frank (1998).

os manchus e os holandeses. . . Indiscutivelmente, a organização Zheng tinha algumas das mesmas características da VOC. Igualmente importante, o império marítimo Zheng foi desde o início um jogador-chave na luta dinástica em curso na China continental. Um aliado respeitado da dinastia Ming nos estágios iniciais da luta - quando muitos membros da família Zheng tornaram-se oficiais e generais do exército Ming - Zheng Zhilong tentou mudar de lado depois que o exército Qing entrou Fujian em 1647. A tentativa falhou, e o Qing respondeu a insinuação Zheng Zhilong tentando prendê-lo e, eventualmente, executá-lo. Mas, sob Zheng Chenggong, o poder do Zheng atingiu um novo patamar até sua queda em 1683.<sup>14</sup> (Ho, 1994 pg. 44).

Com este exemplo os autores e a análise sobre os mercadores chineses observam que na China existia organizações capitalistas comparáveis com as da Europa. E como Braudel diz (mesmo que não citando a China, mas que poderia ter tranquilamente colocado):

‘Em toda parte, do Egito ao Japão, encontramos autênticos capitalistas, atacadistas, gente que vivia da renda do comércio, e seus milhares de ajudantes – os agentes comerciais, corretores, cambistas e banqueiros. Qualquer desses grupos de mercadores seria comparável ao seus equivalentes ocidentais no que diz respeito a técnicas, possibilidades ou formas de caução para as trocas. Dentro e fora da Índia, os mercadores de Tamil, Bengala e Gujerat formavam sociedades unidas por vínculos estreitos, com os negócios e contratos passando de um grupo para outro, em movimento, tal como aconteceria, na Europa, dos florentinos para os lucanenses, os genoveses, os alemães do sul, ou os ingleses. Houve até, nos tempos medievais, reis mercadores no Cairo, em Aden e nos portos do Golfo Pérsico” (Braudel, 1984 pg. 486).

Mas, por que ambas regiões bifurcaram seus caminhos? De acordo com a perspectiva do sistema-mundo de Arrighi inspirada na concepção da economia entendida por Braudel os autores analisam as três camadas da economia: a vida material ou não-economia de mercado, a economia de mercado e o capitalismo<sup>15</sup>. Os autores resgatam a ideia de Braudel de que o capitalismo histórico ao longo da

---

<sup>14</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “The Zheng networks of commercial and political intelligence must have been at least as effective as those of either of its main enemies, the Manchus and the Dutch . . . Arguably, the Zheng organization had some of the same traits as the VOC. Equally important, the Zheng maritime empire was from the start a key player in the ongoing dynastic struggle in mainland China. A respected ally of the Ming in the early stages of the struggle – when many members of the Zheng family became officers and generals of the Ming army – Zheng Zhilong attempted to switch sides after the Qing army entered Fujian in 1647. The attempt failed, as the Qing responded to Zheng Zhilong’s overtures by jailing and eventually executing him. But under Zheng Chenggong, the power of the Zhengs reached new heights until their downfall in 1683.” (Ho, 1994 pg. 44).

<sup>15</sup> Ver página 26 do trabalho.

sua *longue durée* foi completamente flexível, com grande capacidade de mudança, tomando diferentes formas em lugares e tempos diferentes. E que, a diferencia das interpretações mais clássicas, a indústria é apenas uma das tantas formas que o capitalismo adquiriu em determinado estágio. Assim, para os autores:

(...) a característica da dinâmica capitalista braudeliana não é a realização de atividades comerciais, em vez de industriais ou agrícolas. Ao contrário, é a mudança contínua de recursos de um tipo de atividade para outro em busca de um "infinito" do lucro. Como em "fórmula geral do capital" de Karl Marx (D-M-D'), o investimento de dinheiro (D) em uma determinada combinação de matérias-primas (M), seja puramente comercial ou comercial-industrial ou qualquer outra coisa, é estritamente instrumental para um aumento do valor monetário do investidor de ativos de D a D' (1959: 146-55). De fato, em uma dinâmica estritamente capitalista a transformação do dinheiro em commodities pode ser totalmente ignorada (como na "fórmula resumida de capital", de Marx D-D'), sempre que as circunstâncias sistêmicas permitam que o estrato capitalista possa colher maiores lucros no sistema de créditos do que no comércio e produção de commodities. (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 265).

Para explicar o porquê dos principais Estados capitalistas da Europa terem conseguido um excedente de capital, nos séculos XVII e XVIII, em comparação com escassez da China, apesar de este último ter um persistente excedente na balança de pagamento em relação à Europa, Arrighi *et al* vão diferenciar essa dinâmica braudeliana simbolizada por uma mistura / alternância de fórmulas gerais e resumidas de Marx do capital (D-M-D' e D-D', respectivamente), da dinâmica smithiana de mercado que pode ser simbolizada pela fórmula de Marx de troca de mercadorias, M-D-M', na qual o dinheiro (D) é simples meio para a transformação de um conjunto de produtos básicos M em outro conjunto M' de maior valor de uso. Assim a principal diferença entre as duas dinâmicas é que, *ceteris paribus*, a primeira tende a gerar excedentes de meios de pagamentos (a acumulação de tais excedentes é perseguido como um fim em si mesmo), enquanto no segundo não (o dinheiro pode ser apenas um meio de transformar um conjunto de mercadorias em outras de maior valor de uso). (Arrighi *et al.* 2003). Os autores concordam com a assertiva de Braudel, quando afirma que "O exemplo chinês oportunamente

apoia minha insistência em separar a economia de mercado e do capitalismo”<sup>16</sup> (Braudel, 1982 pg. 588).

‘Pelo contrário ao argumento de que – não existia capitalismo, e não existia economia de mercado – a China teve uma economia de mercado solidamente estabelecida ... com as suas cadeias de mercados locais, a sua população tinha uma enxame de pequenos artesãos e comerciantes itinerantes, sua movimentadas ruas comerciais e centros urbano. Assim, ao nível do solo, o comércio foi estimulado e bem-visto, e fomentado pelo governo quem se preocupava principalmente com a produção agrícola; mas em níveis superiores, o estado ... expressou uma hostilidade inconfundível a qualquer indivíduo que se fizesse "anormalmente" rico... por isso, não poderia haver capitalismo, exceto dentro de certos grupos claramente definidos, apoiados pelo Estado, supervisionados pelo Estado e sempre mais ou menos sujeitos à sua misericórdia.”<sup>17</sup> (Braudel, 1982, pg. 589).

Para Arrighi *et al* esta diferença em questão é importante. Eles vão perceber como, diferentemente da China, na Europa existiu uma identificação do Estado com a lógica capitalista da acumulação, não só pelas cidades-estados venezianas, mas inclusive pelos grandes estados territoriais europeus. Este processo levou à formação dos Estado-nacionais e à expansão da lógica capitalista ao resto do mundo pela expansão ultramarina europeia.

No Leste Asiático, o capitalismo foi um fenômeno intersticial, localizado nas áreas costeiras do sul-leste da China “Em termos sistêmicos, o capitalismo foi “exteriorizado” no sentido em que se desenvolveu mais plenamente nos bordos exteriores em vez do centro dos estados mais poderosos.”<sup>18</sup> (Arrighi *et al.*, 2003

---

<sup>16</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “the Chines example most opportunely supports my insistence on separating the market economy and capitalism”. (Braudel, 1982 pg. 588).

<sup>17</sup> Tradução livre da autora. Texto original: For the contrary [to the] argument- no capitalism, no market economy – China did have a solidly-established market economy...with its chains of local markets, its swarming population of small artisans and itinerant merchants, its busy shopping street and urban centers. So at ground level, trade was brisk and well-provided for, encourage by government primarily concerned with agricultural production; but at upper levels, the state... expressed unmistakable hostility to any individual making himself “abnormally” rich... so there could be no capitalism, except within certain clearly defined groups, backed by state, supervised by the state and always more or less at its mercy.” (Braudel, 1982, pg. 589).

<sup>18</sup> Tradução livre da autora. Texto original: at the level of the system, that is, capitalism was “externalized” in the sense that it developed most fully on the outer rims rather than at center of the region’s most powerful states.” (Arrighi *et al.*, 2003 pg. 278).

pg. 278). A queda do mercador Zheng demonstrou claramente ao governo a importância da desmilitarização dos mercadores, levando ao declínio do poder dos mesmos frente ao desenvolvimento da economia nacional, modelo liderado por Qing na China e Tokugawa no Japão, o que levou a um longo período de prosperidade, paz e crescimento demográfico.

Segundo os autores, esta divergência teve origem na assimetria do comércio Leste-Oeste, que era a maior fonte de riquezas e poder para as classes empresariais e governantes da Europa onde o negócio estava centrado no comércio fora da Europa, a diferencia da China onde os lucros do exterior do sistema tributário eram insignificantes.

Se bem a China, segundo Wong expandiu-se durante o século XVIII, esta se deu de forma diferente da expansão europeia:

Ao invés de extrair recursos das periferias, o Estado chinês foi mais propenso a investir nelas. Expansão política e a incorporação de novas fronteiras comprometia o governo a fazer uma transferência de recursos para as periferias, e não a instauração de uma lógica extractivista a partir delas. A economia política imperial chinesa tardia obedeceu um conjunto de princípios muito diferentes com aqueles do mercantilismo<sup>19</sup> [Europeu]. (1997 pg. 148)

Assim, os autores destacam como o caminho de desenvolvimento da Ásia que aprofundou uma divisão do trabalho no interior das microrregiões, ao passo que a divisão do trabalho na Europa acabou constituindo uma distinção entre regiões do centro e a periferia. Outra diferença ressaltada é que enquanto o sistema do Leste Asiático baseou-se no comércio intrarregional de pequena distância, a Europa expandiu-se apoiada no comércio inter-regional de longa

---

<sup>19</sup> Tradução livre da autora. Texto original: "Rather than extract resources from peripheries, the Chinese state was more likely to invest in them. Political expansion to incorporate new frontiers committed the government to a shift of resources to the peripheries, not extraction from them. Late imperial Chinese political economy obeyed a set of principles very much at odds with those of [European] mercantilism." (Wong, 1997 pg. 148).



distância. Por fim, enquanto a Europa fez revoluções industriais, a Ásia fez revoluções industriais como as chama Sugihara<sup>20</sup>.

A competição interestatal europeia, o desenvolvimento de novas tecnologias de guerra e a sede por territórios de ultramar, fomentou o desenvolvimento do sistema baseado na lógica capitalista. Com o declive da hegemonia holandesa e a ascensão da Inglaterra, os autores analisam o aumento dos investimentos na guerra. O desenvolvimento da indústria armamentista acabou gerando novas possibilidades de uso do ferro em tempos de paz o que levou a revolução industrial. O ímpeto pela produtividade na Grã Bretanha esteve associado com o crescimento dos gastos públicos que passaram de 22 milhões de libras em 1792 a 123 milhões de libras em 1815. Esta expansão estava fora dos limites da capacidade impositiva dos britânicos, o que levou ao aumento da dívida pública de 9 milhões de libras em 1783 a 30 milhões em 1815. (Jenks, 1983 in Arrighi *et al*, 2003).

Arrighi *et al.* vão a apontar que o ingrediente essencial para a consolidação da Inglaterra como hegemonia no ciclo de acumulação da Grã Bretanha foi a conquista do Império da Índia. Fato que modificou substancialmente as relações Oriente-Occidente. Assim os autores argumentam que “Tributo extraído da Índia, ao invés de qualquer vantagem competitiva especial nos mercados de commodities foi central para Inglaterra ter a capacidade de ocupar e manter por mais de um século, a posição do centro político e econômico do sistema europeu de

---

<sup>20</sup> “Well before 1500, probably during the twelfth and thirteenth centuries, China developed a set of highly advanced labour-intensive methods, involving seed selection, irrigation and water control, double cropping and the extensive use of agricultural tools. Central to this development was the opening up of land near the Yangzi River delta for rice cultivation. Of course, Chinese development had its ups and downs, and the commercialization of agriculture, the monetization of land tax, and the introduction of new world crops played an important part in the increase in population and agricultural output during the sixteenth to the eighteenth centuries. But the essential characteristics of small-scale production, centring on irrigated rice cultivation, established in the lower Yangzi region in the twelfth and thirteenth centuries (Shiba 1989), were extended to other parts of China and transmitted to Japan by the late sixteenth century. While adapting to ecological diversity and developing geographical specialization (see Buck 1937: 27), East Asian agriculture after the late sixteenth century nevertheless exhibited a clear tendency towards regional convergence, driven by the diffusion of intensive rice agriculture and several key commercial crops, notably cotton, silk and sugar. The East Asian path of industrious revolution must be distinguished from that in Europe and North America with respect to labour-intensity.” (Sugihara in Arrighi *et al*, 2003 pg. 84).

globalização”.<sup>21</sup> (Arrighi *et al*, pg. 286). A supremacia da Grã Bretanha não se baseou na superioridade de nenhuma forma específica de organização empresarial "Na Grã-Bretanha não menos do que na China, a empresa da família era a regra na maioria dos ramos da manufatura, comércio e finanças."<sup>22</sup> (Arrighi *et al*, pg. 286). A sujeição da Índia proporcionou a Inglaterra dos recursos e flexibilidade para superar seus déficits e se consolidar como hegemonia mundial financeira e militar, como ressalta Lord Salisbury "A Índia foi o quartel Inglês nos mares orientais a partir do qual pudemos tirar qualquer número de tropas sem pagar por eles". (Arrighi *et al*, 2003 pg. 290)<sup>23</sup>. Os autores apontam como este sistema de extração da Inglaterra se constitui como uma imposição de tributos pela coerção, a diferença do sistema tributário sinocêntrico que foi descrito acima. Esta conquista da Índia trouxe consequências terríveis para os estados, populações e riqueza da região.

Mas os autores colocam que mesmo o enorme superávit da Inglaterra gerado pela imposição coercitiva de impostos às suas colônias de ultramar a Inglaterra não conseguia conter “a hemorragia de prata do Ocidente à China”<sup>24</sup> (Arrighi *et al*, 2003 pg. 291). Até então a Inglaterra não tinha conseguido conquistar a China e precisava uma estratégia para virar a balança de pagamentos em seu favor. Essa estratégia foi delineada no aumento da exportação de ópio indiano para a China, dessa forma se constituía um novo comércio triangular que beneficiaria a relação entre a Índia com a metrópole já que:

"Índia, pela exportação de ópio, auxilia no fornecimento chá para Inglaterra. China consumindo ópio, facilita as operações de receitas entre a Índia e Inglaterra. Inglaterra ao consumir chá contribui para aumentar a

---

<sup>21</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “tribute extracted from India, rather than any special competitive advantage in commodity markets was central to Britain’s ability to occupy and retain for more than a century the position of political and economic center of the globalizing European system.” (Arrighi *et al*, pg. 286).

<sup>22</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “In Britain no less than in China, Family enterprise was the rule in most branches of manufacturing, commerce and finance.” (Arrighi *et al*, pg. 286).

<sup>23</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “India was the English barrack in the Oriental Seas from which we may draw any number of troops without paying for them”. (Arrighi *et al*, 2003 pg. 290).

<sup>24</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “the hemorrhage of silver from the West to China” (Arrighi *et al*, 2003 pg. 291).

demanda por ópio da Índia.”<sup>25</sup>(Thornton, 1835 em Arrighi *et al*, 2003 pg. 291).

Assim Inglaterra fomentou o comércio ilegal do ópio na China, ajudada por métodos de corrupção aos oficiais imperiais e mercadores chineses. O aumento do negócio do ópio fez aumentar significativamente a drenagem de prata da China para a Índia que em 35 anos de 1815-50 totalizou 150 milhões de prata mexicana (Lin, 1991 pg. 11). A China começou se debilitar por completo, tentou persuadir o governo britânico para evitar o comércio ilegal de ópio em nome do direito internacional e moralidade comum, mas fracassou por completo. Pelo que decidiu confiscar e destruir enormes quantidades de ópio. Os ingleses assentados na China a denunciaram no parlamento e declararam junto com a França a I Guerra do Ópio contra a China, a qual trouxe consequências desastrosas. Desta forma a China deixou de ser o centro em si mesma e se incorporou de maneira subordinada ao sistema-mundo centrado na Inglaterra.

Arrighi *et al* aclaram que mesmo assim os produtos ingleses não conseguiram penetrar no interior da China, só alguns produtos conseguiram competir com os produtos tradicionais. Um fator importante que os autores colocam é que eliminado o poder imperial chinês os mercadores, se viram beneficiados novamente já que atuaram como intermediários das potências europeias e a população chinesa, e voltaram a florescer as atividades comerciais.

Além disso tanto a China como o Japão após as Guerras do Ópio começaram um período de competição que acelerou a modernização militar e na indústria baixo a lógica “O despertar levou ao oficial-acadêmico Wei Yuan reinterpretar a velha ideia de usar aos bárbaros para controlar os bárbaros para a nova ideia de usar armamentos bárbaros (e os meios para produzi-los) para

---

<sup>25</sup> Tradução livre da autora. Texto original: ‘India, by exporting opium, assists in supplying England with tea. China by consuming opium facilitates the revenue operations between India and England. England by consuming tea contributes to increase the demand for opium of India.’ (Thornton, 1835 in Arrighi *et al*, 2003 pg. 291).

controlar os bárbaros.”<sup>26</sup> (Tsiang, 1967 pg. 144). O crescente aumento da militarização resultou nos conflitos bélicos intraregionais e com as potências europeias. A vitória do Japão da Guerra Sinojaponesa fez rever a política militar China e mostrar a importância de um exército unificado do estilo japonês já que, até então, o controle militar chinês estava centrado nas províncias. A partir de então Japão começou ascender como principal potência dominante na região. Este processo japonês não conseguiu se sustentar no tempo devido, não as guerras com a China, mas aos ataques estadunidenses de Hiroshima e Nagasaki após Pearl Harbor. Momento no qual o Japão passou a ser vassalo dos Estados Unidos.

Por outra parte, a China debilitada passou por momentos de enorme turbulência e caos social e levaram os movimentos nacionalistas e culminaram na fundação da República Popular da China, num processo revolucionário que contestou a recém consolidada hegemonia norte-americana<sup>27</sup> e lutou por uma centralidade no Leste da Ásia.

<b>QUADRO COMPARATIVO</b>	
<b>Sistema Interestatal Europeu capitalista</b>	<b>Sistema Tributário centrado na China</b>

<sup>26</sup> Tradução livre da autora. Texto original: “The awaking led the scholar-official Wei Yuan to develop the old idea of using the barbarians to control the barbarians into the new idea of using barbarian armaments (and the means to produce them) to control the barbarians”. (Tsiang, 1967 pg. 144).

<sup>27</sup> Ver Arrighi (1994) capítulo 4.

Os governantes capitalistas identificam o poder com a extensão de seu controle sobre os recursos escassos e consideram as aquisições territoriais um meio e um subproduto da acumulação de capital.	Os governantes terrotirialistas identificam o poder com a extensão e a densidade populacional de seus domínios, concebendo a riqueza/o capital como meio ou um subproduto da busca de expansão territorial.
O controle do capital circulante é o objetivo, enquanto o controle do território e da população é o meio.	O controle do território e da população é o objetivo de gestão do Estado e da Guerra, enquanto o controle do capital circulante é o meio.
Competição interestatal de Estados relativamente similares em termos de população e território sobre as bases da lógica capitalista de acumulação e o militarismo	Prolongados períodos de estabilidade centro hegemónico díspar em relação às periferias, mediação nas relações interestatais articulando hierarquias e recorrência mínima à guerra.
Divisão do mundo em Centro-periferia. Extração de riquezas da periferia por parte dos Estados centrais. Lógica extractivista.	Sistema centrado, mas com benefício mútuo às regiões as quais permaneciam autónomas. Tributos em forma de presentes simbólicos. Investimento do centro nas periferias.
Existência de formas capitalistas de acumulação identificadas com o Estado.	Existência de formas capitalista de acumulação controladas e sufocadas pelo Estado.
Importância do comercio interregional.	Importância do comércio intraregional.

### 3.1.2 Ascensão da China na Economia-Mundo contemporânea

Num período de Guerra Fria e lutas contra o avanço do comunismo com a fundação da República Popular da China e a República Popular da Coreia os Estados Unidos começaram estabelecer bases militares sem precedentes na

região. A ocupação militar no Japão em 1945 e a divisão da região em dois blocos antagônicos criou, um regime vertical a partir dos acordos bilaterais de defesa entre Estados Unidos e o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan e as Filipinas que se constituíram em estados semisoberanos com uma profunda penetração das estruturas militares estadunidenses. Com o bloqueio comercial contra a China o comércio entre esses países e a China e a Coreia do Norte foi ínfimo.

Os autores apontam que podem estabelecer-se certas analogias considerando um sistema onde existe uma interpenetração do tributo e comércio nas relações com o centro imperial o qual foi incomparavelmente maior que os vassallos que convida aos autores a realizar algumas comparações entre o regime tributário centrado na China e o regime norte-americano que, por sua vez se diferenciou do sistema baseado na hegemonia britânica:

"O contraste com o sistema capitalista global do século XIX centrado na Grã Bretanha é claro. Como vimos, três características intimamente relacionadas caracterizou o último: as funções globais "Entrepôt" comercial e financeiro exercido pela Grã-Bretanha; o regime de livre comércio unilateral da Grã-Bretanha, que alargou e aprofundou essas funções; e as grandes contribuições da Índia, o que fez o livre comércio unilateral da Grã-Bretanha possível. Em todos os três aspectos, o sistema capitalista global instituído após o fim da Segunda Guerra Mundial teve seu centro nos Estados Unidos e foi radicalmente diferente de seu antecessor. No auge de sua hegemonia, a partir do final dos anos 1940 até os anos 1960, os Estados Unidos não exerceram nenhuma função "Entrepôt" de importância global; nem praticaram o livre comércio de forma unilateral; nem tinham um império a partir do qual extrair coercitivamente recursos humanos militares e meios de pagamentos. Em vez disso foi uma economia continental, autocrata, e em grande parte auto-suficiente. Este Estado gigante fez promover a liberalização do comércio, mas não através da abertura unilateral do seu mercado interno para as exportações de todo o mundo, como a Grã-Bretanha tinha feito. Em vez disso, o fez através de uma combinação de acordos bilaterais e multilaterais com e entre os Estados que, para todos os efeitos práticos eram seus vassallos na confrontação político-militar com a URSS."<sup>28</sup> (Arrighi, 1994 67-72 pg., 274-95).

---

<sup>28</sup> Tradução livre da autora. Texto original: 'The contrast with the nineteenth-century UK-centered global capitalist system is clear. As we have seen, three closely related features characterized the latter: the global commercial and financial entrepôt functions exercised by Britain; Britain's unilateral free trade regime, which widened and deepened those functions; and massive tribute from India, which made Britain's unilateral free trade possible. In all three respects, the US-centered global capitalist system instituted after the end of the Second World War differed radically from its UK-centered predecessor. At the height of its hegemony, from the late 1940s through the 1960s, the United States exercised no entrepôt functions of global significance; nor did it practice free trade unilaterally; nor did it have an empire from which to extract coercively military manpower and means of payments. It was instead the "container" of a self-centered, largely self-sufficient, continent sized economy. This giant state did promote the liberalization of trade but not through the

Mas os autores colocam que o sistema centrado na hegemonia estadunidense teve algumas similitudes com o antigo sistema tributário asiático centrado na China no sentido que, por um lado, tinha um tamanho de economia de mercado desproporcionalmente maior que todos os outros mercados e, por outro lado, a relação de vassalagem entre o estado central e os outros estados de alguma maneira era mútua, no caso dos países Asiáticos. Neste tipo de relação os vassallos deviam legitimar o *hegemon* e dessa forma ganhavam acesso ao mercado doméstico do centro. (Claro que essa procura por legitimidade estadunidense é explicada no contexto da Guerra Fria, em que para evitar o avanço comunista precisavam se legitimar com os estados semi soberanos da Ásia).

Nesse contexto o Japão voltou a experimentar uma enorme expansão económica que teve segundo os autores um efeito de bola de neve para o resto dos países da região, o que levou a uma rápida industrialização.

‘Daí resulta que a rápida industrialização no Leste da Ásia não era apenas (ou mesmo principalmente) um produto da deslocalização de atividades de fabricação de baixo valor agregado para às regiões de baixa renda. Havia, é claro, uma abundante realocação de atividades de fabricação de baixo valor agregado para à Ásia Oriental, na verdade, muito mais do que em qualquer outro lugar. No entanto, o fato de que a Ásia Oriental melhorou a sua posição no mercado global de valor acrescentado classificando cara a cara com as regiões de elevado rendimento de modo significativamente é indicativo de que a sua industrialização rápida era a expressão de competitividade e não apenas na extremidade inferior de a cadeia de valor agregado, mas também nas cadeias de mediano e alto valor agregado. Isto tem sido verdade, não só em casos óbvios como o Japão, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul, mas também no caso da China e, em menor medida, Tailândia e Malásia. Em vista desta competitividade mais equilibrada, não é exagero dizer que na década de 1990 Ásia do Leste foi bem em seu caminho de recuperar a supremacia industrial que tinha mantido por tanto tempo no início dos tempos modernos.’<sup>29</sup> (Arrighi *et al*, 2003 pg. 204).

---

unilateral opening up of its domestic market to the exports of the whole world, as Britain had done. Rather, it did so through a combination of bilateral and multilateral agreements with and among states that for all practical purposes were its vassals in the politico-military confrontation with the USSR” (Arrighi, 1994 pg. 67–72, 274–95).

<sup>29</sup> Tradução livre da autora. Texto original: ‘It follows that rapid industrialization in East Asia was not just (or even primarily) a product of the relocation of low-value-added manufacturing activities to low-income regions. There was, of course, plenty of relocation of low-value-added manufacturing activities to East Asia, indeed, far more than anywhere else. Nevertheless, the fact that East Asia

O argumento dos autores sobre a renascença e dinamismo asiático apresenta três estágios que podem ter incentivado e revivido características próprias do sistema tributário centrado na China, mas, por suposto, radicalmente transformadas pelo contexto global atual.

O primeiro estágio pode ser delineado a partir da total superioridade do Ocidente. A Guerra Fria dividiu a região em dois blocos antagônicos e reduziu a maioria dos estados a estados semi soberanos vassalos de algum dos centros imperiais ou os Estados Unidos ou a Rússia. Mas a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã mostrou que essa suposta superioridade era mais precária do que parecia. E foi segundo os autores essa precariedade que fez com que os Estados Unidos involuntariamente reavivaram características do antigo sistema tributário do Leste Asiático, o que significou um regime de presentes (“gifts”) e comércio entre o estado imperial e os estados vassalos, o qual acabou sendo muito favorável economicamente aos vassalos. Apesar da magnificência estadunidense, os espaços de influência deles quanto da URSS acabaram sendo socavados, primeiro, com a rebelião chinesa contra a dominação soviética e, depois, com a derrota nas tentativas de dividir a nação vietnamita de acordo com a divisão da Guerra Fria. O colapso das tentativas tanto estadunidense quanto soviética podem ser traçadas pelo completo desprezo que ambos tiveram do herança histórica e cultural que contribui à formação dos estados e à integração civilizacional.

‘As tentativas de impor coercivamente esta geografia estratégica anti-histórica saiu pela culatra, tanto política quanto economicamente. Politicamente, a derrota dos EUA no Vietnã demonstrou que, apesar de toda a sua eficácia na reprodução de um equilíbrio de terror com a URSS, e da alta tecnologia e o capital intensivo do aparato militar dos

---

improved its position in the global value-added ranking vis-à-vis the high-income regions so significantly is indicative of the fact that its rapid industrialization was the expression of competitiveness not just at the lower end of the value-added chain but also at the middle and higher ends. This has been true not only in such obvious cases as Japan, Taiwan, Singapore and South Korea, but also for China and to a lesser extent Thailand and Malaysia. In view of this more balanced competitiveness, it is no exaggeration to say that by the 1990s East Asia was well on its way to regaining the industrial supremacy it had held for so long in early modern times.” (Arrighi *et al*, 2003 pg. 204).



EUA foi ineficaz em fazer cumprir os comandos dos EUA contra a resistência determinada do povo vietnamita, apoiado pelos chineses e soviéticos. Economicamente, os gastos dos EUA, no país e no estrangeiro, realizados para sustentar o esforço de guerra no sudeste da Ásia precipitou uma grave crise fiscal do estado norte-americano baseado na dupla guerra-bem-estar e contribuiu de forma decisiva para o colapso do sistema monetário mundial Bretton Woods centrada nos EUA. Como resultado, o poder global dos EUA caiu vertiginosamente, atingindo seu ponto mais baixo no final da década de 1970 com a Revolução Iraniana, a invasão soviética do Afeganistão, e uma nova crise de confiança no dólar norte-americano<sup>30</sup> (Brodine e Selden 1972; Arrighi, 1994 pg 321., Arrighi, 2008).

Com a derrota da Guerra do Vietnã finalizou a divisão que a Guerra da Coreia tinha criado, um sistema regional com todos os países não-comunistas em torno a centralidade estadunidense, e no qual tanto a China continental como a Coreia do norte se encontravam excluídas de qualquer tipo de relação comercial ou diplomática. A derrota agora dos Estados Unidos obrigou-os a readmitir a China e reabrir o comércio e relações diplomáticas com o resto da Ásia.

Assim a região entrou no que os autores descrevem o segundo estágio na qual o Japão tomou a dianteira na expansão comercial e na integração da região. É importante ressaltar que a "A liderança japonesa na expansão econômica e integração regional foi baseada numa divisão de trabalho que consistia na busca do poder por parte dos Estados Unidos e à busca do Japão de lucros que não tinham precedentes no antigo sistema tributário e comercial do Leste Asiático"<sup>31</sup> (Arrighi *et al*, 2003 pg.310). Mas o traslado da liderança estadunidense pela

---

<sup>30</sup> Tradução livre da autora. Texto original: 'Attempts to enforce coercively this anti-historical strategic geography backfired, both politically and economically. Politically, US defeat in Vietnam demonstrated that, for all its effectiveness in reproducing a balance of terror with the USSR, the high-tech and capital intensive US military apparatus was ineffectual in enforcing US commands against the determined resistance of the Vietnamese people backed by Chinese and Soviet support. Economically, massive US spending at home and abroad to sustain the war effort in Southeast Asia precipitated a major fiscal crisis of the US warfare-welfare state and contributed decisively to the collapse of the US-centered, Bretton Woods world monetary system. As a result, US global power fell precipitously, reaching its nadir at the end of the 1970s with the Iranian Revolution, the Soviet invasion of Afghanistan, and a new crisis of confidence in the US dollar' (Brodine and Selden 1972; Arrighi, 1994 pg. 321, Arrighi, 2008).

<sup>31</sup> Tradução livre da autora. Texto original: "Japanese leadership in regional economic expansion and integration was based on a division of labor between the US pursuit of power and the Japanese pursuit of profit that had no precedent in the indigenous East Asian tribute-trade system" (Arrighi *et al*, 2003 pg.310).

japonesa na região, favoreceu o ressurgimento dos padrões de relações interestatais tradicionais, na qual a centralidade foi fundamental para o desenvolvimento de economias nacionais. A diferença do que produz a centralidade das lógicas ocidentais que levou a internalização do militarismo industrial que acabou no desastre para a Ásia e levou a tentativa japonesa ao fracasso. A liderança japonesa se constitui pela expansão econômica e o fortalecimento de redes comerciais regionais. Além disso a corrida armamentista entre Estados Unidos com a Rússia acabou gerando um déficit no Tesouro norte-americano que levou ao Japão a oferecer crédito e mercadorias baratas para evitar o aumento da inflação. Fato que, segundo Arrighi (2004), levou a transformar a relação do Japão com os Estados Unidos de uma relação de vassalagem à uma relação de mútua dependência. O enorme crescimento econômico do Japão foi gerado por uma retomada das tendências seculares à uma forma de organização empresarial informal e horizontal. Com a expansão japonesa os chineses de ultramar foram desde o começo os intermediários entre os empresários japoneses e os empresários locais de Singapura, Hong Kong e Taiwan e posteriormente na maioria dos países da ASEAN. Mas com o tempo chegaram as limitações da liderança japonesa, como susteve um dos grandes empresários japoneses: "Nós não temos poder militar. Não há nenhuma maneira para que os empresários japoneses possam influenciar a decisão política de outros países ... Esta é a diferença com as empresas americanas e é algo no qual os empresários japoneses tem que pensar."<sup>32</sup> (Friedland, 1994 pg. 42). Com a recuperação após a crise do petróleo nos 70 os Estados Unidos ganharam novamente impulso na região, mas o Japão se viu substituído pelo reingresso da China à competição no mercado.

Os autores colocam o terceiro estágio do dinamismo asiático no processo de incorporação da China, que com o seu tamanho continental, um quinto da população mundial se constitui um dos fenômenos mais relevantes do final do

---

<sup>32</sup> Tradução livre da autora. Texto original: "We don't have military power. There is no way for Japanese businessmen to influence policy decision of other countries... This is the difference with American business and it is something Japanese businessmen have to think about." (Friedland, 1994 pg. 42).

século XX. Após a morte do Mao Zedong a República Popular da China implementou uma série de políticas de abertura do mercado lideradas por Deng Xiaoping, que gerou uma aliança com os chineses de ultramar para desenvolver as políticas que preveem “Uma Nação, Dois Sistemas”. Que desencadearam numa enorme vitalidade da economia Asiática e em particular da China<sup>33</sup>.

Desta forma Arrighi *et al* analisam o processo de desenvolvimento histórico do capitalismo na *longue durée* e o comparam com o desenvolvimento do sistema tributário asiático que esteve baseado no desenvolvimento do mercado, analisam como foi o processo de divergência de ambos sistemas e como se desenrolou a incorporação da Ásia do Leste à dinâmica capitalista de acumulação e de competição interestatal. Mas sinalam como a partir da reconfiguração do sistema com a ascensão da hegemonia norte-americana num contexto de Guerra Fria, gerou uma revitalização de algumas das características desse sistema tributário tradicional asiático. Este processo se vê aprofundado pela incorporação da China ao comércio mundial após a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã.

Segundo os autores a ascensão da Ásia do Leste está relacionada a esse processo de hibridização que, no mesmo tempo que subjugou a Ásia à dinâmica de acumulação capitalista, acabou revitalizando tradições de comércio e mercado asiáticas.

E concluem que esse processo de hibridização tem trazido benefícios muito assimétricos nas regiões asiáticas e que foram acompanhadas por uma crescente desigualdade. Estas duas tendências se apartam dos padrões de desenvolvimento equilibrado que caracterizam ao histórico sistema da Ásia do Leste e se aproximam ao padrões de desenvolvimento desigual preponderantes no Ocidente. Fato que conduz às maiores limitações deste processo asiático, não só pelas resistências sociais contra à crescente desigualdade social senão pelas restrições ao desenvolvimento de um mercado regional capaz de evitar a reprodução da dependência à exportação dos países centrais.

---

<sup>33</sup> Ver seção 2 do trabalho.

‘Esta vontade e capacidade não pode ser dado como certo, tendo em vista o crescente endividamento externo dos Estados Unidos e da estagnação econômica da União Europeia. Em última análise, o destino econômico do Leste Asiático sob domínio ocidental passou por duas fases distintas, o renascimento do leste-asiático depende de si encontram as formas e meios eficazes de moderar a desigualdade nacional e internacionalmente. Se tais meios e modos são encontrados, o Leste Asiático pode muito bem tornar-se mais uma vez o centro da economia global.’<sup>34</sup> (Arrighi *et al*, 2003 pg. 319).

### 3.2 Adam Smith em Pequim: Origens e fundamentos do século XXI

Giovanni Arrighi no livro ‘Adam Smith em Pequim: Origens e fundamentos do século XXI’ (2008) aprofunda alguns dos pontos colocados em “The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives” (2003). Na primeira parte do livro realizada uma longa discussão teórica dos clássicos: Karl Marx, Joseph Schumpeter, Adam Smith. Para os fins deste trabalho se considera relevante apresentar alguns apontamentos do autor acerca do origem e dinâmica da ascensão chinesa.

Em ‘Adam Smith em Pequim: Origens e fundamentos do século XXI’ o autor apresenta a tese de que em vistas das crises financeiras norte-americanas e a crescente crise de legitimidade dos Estados Unidos levou a um o fracasso para consolidar o Projeto para um Novo Século Norte-americano, em quanto o modelo de desenvolvimento chinês inspirado nas tradições históricas da China constituíram um modelo diferenciado de desenvolvimento que se baseou principalmente nos moldes da Revolução Industrial, que favoreceu o desenvolvimento de um mercado e promoveu o uso intensivo da força de trabalho.

---

<sup>34</sup> Tradução livre da autora. Texto original: This willingness and capacity cannot be taken for granted in view of the growing foreign indebtedness of the United States and the near economic stagnation of the EU. Ultimately, the fate of the East Asian economic under Western dominance has gone through two distinct stages, one renaissance depends on whether East Asians can find effective ways and means of moderating its unevenness nationally and internationally. If such ways and means are found, East Asia may well become once again the center of the global economy. (Arrighi *et al*, 2003 pg. 319).

Este modelo de desenvolvimento segundo Arrighi tem mais a ver ao modelo de desenvolvimento smithiano de mercado<sup>35</sup>.

No capítulo sobre “Origem e dinâmica da Ascensão Chinesa” o autor aponta questões que podem ser ilustrativas para a compreensão de um modelo diferenciado de desenvolvimento que se está gerando na China produto de um processo híbrido de resgate ao modelo tradicional asiático mas ao mesmo tempo misturado e transformado pelo modelo ocidental de desenvolvimento, acorde com a interpretação desenvolvida no livro “The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspectives” (2003).

O argumenta que não foi só a reserva de mão de obra barata que atraíram o capital estrangeiro para a China, senão que foi a qualidade dessa reserva em termos de saúde, educação e capacidade de autogerenciamento produtos inclusive dos logros da tradição revolucionária. Arrighi ressalta a importância das políticas da China em promover possibilidades de investimentos ao capital da diáspora chinesa, que permitiu ao governo reincorporar Hong Kong, Macau, Taiwan e iniciar o processo que desencadeou no enorme crescimento da economia. Segundo Arrighi

“O investimento estrangeiro direto IED, que totalizou apenas 20 bilhões de dólares durante toda a década de 1980, disparou para 200 bilhões em 2000 e então mais do que dobrou, chegando a 450 bilhões nos três anos seguintes (...) o IED aproveitou o bonde da expansão econômica, que não foi ele que iniciou nem liderou”. (Arrighi, 2008 pg. 359).

Para o autor os IED tiveram um rol importante no estímulo à exportação chinesa, mas o boom das exportações foi um episódio tardio da ascensão chinesa e segundo ele “o capital estrangeiro (principalmente estadunidense) precisava mais da China do que a China precisava o capital estrangeiro”. (Arrighi, 2008 pg. 360).

Outro dos pontos que cabe ressaltar da argumentação do Arrighi é que se bem a expansão econômica da China tenha se aberto ao comércio e ao investimento estrangeiro, não significa que a China tenha adotado as receitas neoliberais do Consenso do Washington como apontam vários intelectuais de

---

<sup>35</sup> Ver primeira parte de Arrighi (2008).

esquerda (Harvey, 2005; Greenfield e Leong, 1997 entre outros). Esta é a tese que inclusive também sustentam os promotores institucionais de direita das organizações tais como o Banco Mundial, FMI, etc. que adjudicam o crescimento econômico da China às suas receitas neoliberais (que comprovadamente fracassaram gerando desastres econômicos no resto do Mundo). Arrighi ao igual que Stiglitz e Galbraith aponta que

“(...) o sucesso das reformas chinesas pose ser atribuído ao *não* abandono do gradualismo em favor das reformas de terapia de choque defendidas pelo Consenso de Washington; ao reconhecimento de que só se consegue manterá estabilidade social se a criação de empregos andar de mãos dadas com a reestruturação; e à de garantia de reutilização proveitosa dos recursos deslocados em virtude do aumento da concorrência. Embora a China tenha recebido bem os conselhos e ajuda do Banco Mundial desde o princípio das reformas, ela o fez sempre em termos e em condições que serviam ao “interesse nacional” chinês e não aos interesses do Tesouro norte-americano e do capital ocidental.” (Arrighi, 2008 pg. 360).

A China conseguiu impor as grandes empresas estrangeiras a transferência de tecnologias passando de se constituir um centro fabril, a um produtor de altas tecnologias. Fato que esteve associado com a qualidade da mão de obra e a expansão tanto da educação superior como do investimentos em pesquisas de ponta. E em comparação com a maioria dos demais países que seguiram as receitas neoliberais, a China as privatizações e desregulamentações na China foram muito mais seletivas e lentas. Segundo Arrighi “a principal reforma não foi a privatização, mas a exposição das empresas estatais à concorrência de umas com as outras, com as grandes empresas estrangeiras (...) empresas privadas, semiprivadas e comunitárias (...)” (Arrighi, 2007 pg. 362). Além disso, a diferença do princípio de estado mínimo promovido pelo neoliberalismo, na China o Estado teve um papel forte no processo de regulamentação e promoção do desenvolvimento. Para Arrighi

‘As reformas deram mais ênfase à intensificação da concorrência, com o desmembramento dos monopólios nacionais e a eliminação de barreiras, do que a privatização. O resultado foi a superacumulação constante de capital e a pressão da queda de lucro que foram caracterizadas como “capitalismo selvagem chinês”, mas que se assemelham sobretudo ao mundo smithiano de capitalistas forçados pela

competição impiedosa a trabalhar em prol do interesse nacional.” (Arrighi, 2008 pg. 365).

Arrighi aponta que o governo chinês realizou grandes reformas na agricultura, que consistiram em tirar das comunas as responsabilidades e decisões sobre os excedentes agrícolas criando um Sistema de Responsabilidade Familiar que junto com o aumento da produtividade e a alta dos preços, ajudou a promover a tendência a produzir mercadorias não agrícolas. Esta política com o forte controle sobre as migrações do Estado motivou a mão de obra rural a “sair da terra sem sair da aldeia” (Arrighi, 2008 pg. 367). Esta política foi acompanhada com o surgimento das Empresas de Aldeias e Municípios (EAMs) de propriedade coletiva que ajudou a conter as migrações das regiões rurais às urbanas. Ditas reformas contribuíram a um enorme crescimento de força de trabalho rural envolvida em atividades não agrícolas. Segundo Arrighi estas empresas entre 1978 e 2004 tinham criado 4 vezes mais empregos do que tinha se perdido em empregos públicos e urbano coletivo e empregam duas vezes mais trabalhadores do que todas as empresas urbanas juntas sejam elas privadas, públicas e de propriedade conjunta. (Arrighi, 2008 pg. 367). O autor caracteriza o surgimento das EAMs como uma forma de “acumulação sem desapropriação” no sentido de que o campesinato chinês, a diferencia do africano -e poderíamos provavelmente dizer do latino-americano- que foi desapropriado dos meios de produção sem que existisse a uma oferta de emprego que os absorva, estas empresas tem uma distribuição de terras relativamente igualitária entre as famílias. E contribuem para o reinvestimento e redistribuição do lucro industrial nos circuitos locais em investimentos de saúde, educação, etc.

Para Arrighi na produção industrial a “principal vantagem competitiva dos produtores chineses não é o salário baixo por si só, mas o uso de técnicas que empregam mão de obra instruída e barata, em vez de máquinas e administradores caros.” (Arrighi, 2008 pg. 371). Assim ao utilizar a mão de obra e poupar em grandes investimentos com maquinarias a China reduz até um terço do capital total necessário.

Todas estas reformas tem uma inspiração nos princípios da revolução industriosa descrita por Sugihara e tratada na seção anterior. E para Arrighi, o sucesso das mesmas esteve associado às conquistas realizadas com a Revolução Chinesa, que expandiu as fronteiras de terras cultiváveis, aumentou a expectativa de vida da população, expandiu a educação básica, etc. Segundo Arrighi

‘A semelhança entre a transformação em andamento da economia política chinesa e a concepção de Smith de desenvolvimento com base no mercado não significa absolutamente que as reformas de Deng se inspiraram nos textos de Smith. Como já observado, as práticas do alto funcionário Chen Hongmou no século XVIII antecederam o que Smith mais tarde teorizou em *A riqueza das nações*. Essas práticas se originaram não da teoria, mas da abordagem pragmática inspirada pelas tradições chinesas, dos problemas de governança da China em meados do período Qing. Se Deng leu ou não os textos de Smith, a verdade é que suas reformas nasceram da abordagem igualmente pragmática dos problemas de governança da China pós-Mao. (Arrighi, 2008 pg. 373).

É claro que este processo todo esteve carregado de contradições, assim como a China cresceu nesses últimos trinta anos a um ritmo abrumador, também cresceu a desigualdade social. Produto disso proliferaram as lutas sociais só os casos oficiais de “distúrbios da ordem pública aumentaram de cerca de 10 mil em 1993 para 50 mil em 2002, 58 mil em 2003, 74 mil em 2004 e 87 mil em 2005”. (Arrighi, 2008 pg. 381). A China apesar das fortes políticas de controle não conseguiu frear por completo as migrações das zonas rurais à cidade, que estão associadas à crescente desigualdade e assimetria do campo e a cidade. As protestas sociais e a pressão social influenciaram, de certa forma, o governo na tomada de medidas favoráveis aos reclamos, levando a uma reorientação das políticas chinesas para um modelo de desenvolvimentos mais equilibrado.

Por outro lado, se bem o governo chinês propôs algumas medidas tendentes ao cuidados com os problemas ambientais com a construção de cidades-modelos, e planos quinquenais que visaram reduzir a energia na economia, a China ainda não criou um modelo de desenvolvimento sustentável o que gera grandes preocupações.

Arrighi conclui que:



‘Se essa reorientação conseguir reviver e consolidar as tradições chinesas de desenvolvimento baseado no mercado e centrado em si mesmo, de acumulação desapropriação, de mobilização de recursos humanos, ao invés de não humanos, e de governo com participação das massas na configuração das políticas, então existe a possibilidade de que a China esteja em posição de contribuir decisivamente para o surgimento de uma comunidade de civilizações que de fato respeite as diferenças culturais. Mas se a reorientação fracassar, a China pode se transformar num novo epicentro do caos social e político, o que facilitará as tentativas do Norte de restabelecer um domínio global esmagador ou, para parafrasearmos Schumpeter mais uma vez, de ajudar a humanidade a queimar nos horrores (ou glórias) da escalada de violência que acompanhou o fim da ordem mundial estabelecida pela Guerra Fria.’ (Arrighi, 2008 pg. 393).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do trabalho se tentou descrever o fenômeno da ascensão da China na Economia-Mundo Contemporânea entendendo que este é um dos fenômenos mais importantes da atualidade, como vimos na seção 1.1.

A Teoria do Sistemas-Mundo, na sua constituição unidisciplinar, aportou um ferramental teórico que conseguiu estabelecer relações e ligações importantes entre a história, as tendências seculares, a política, a economia e cultura, debatendo, e até inclusive, contestando várias das teorias e explicações acerca da ascensão da China que foram tratadas na seção 1.2 deste trabalho.

Com foi tratado ao longo do trabalho, a ascensão chinesa não pode se explicar apenas a partir de fatores unicausais como a quantidade de mão-de-obra barata disponível como propõe Lin *et al* (1994). Também não pode ser analisado apenas pelas reformas internas de Deng Xiaoping, como apontam Fisher (1996), Bardhan (2007), Zafar (2010), Bergolat, (2011), já que elas não explicam por si mesmas a ascensão chinesa. Estas explicações deixam lacunas sobre aqueles fatores sistêmicos que possibilitaram essas reformas. Se bem os valores e princípios confucianos podem ter influenciado a ascensão da China, eles não explicam por si sós o fenômeno. Como tratado na seção 3.2 a classificação da China como “neoliberal”, pode resultar um pouco contraditória ou encontrar certos

limites, já que um dos princípios fundamentais da concepção neoliberal, o do “estado mínimo”, não se cumpre na China, onde o Estado tem um papel central no controle e planificação da economia. Esta categorização neoliberal para o caso da China não explica também porque si a China aplicou medidas supostamente neoliberais ascendeu conseguiu se desenvolver, a diferença da América Latina e a África, continentes campeões nos anos 90 da implementação das receitas do FMI e com resultados completamente desastrosos.

A proposta de Giovanni Arrighi de comparar os processos diferenciados que se deram, por um lado, na Europa que desencadeou o surgimento do sistema interestatal sob a lógica de acumulação capitalista e, por outro, o desenvolvimento do sistema tributário-comercial centrado na China traz elementos pertinentes para a compreensão, tanto do passado, como do presente. A diferenciação da lógica territorialista e capitalista de um e outro sistemas, a relação entre ambos sistemas, seus pontos de encontro e desencontro no decorrer dos séculos, aportam questionamentos importantes para entender, historicizar e -não naturalizar- o desenvolvimento do sistema mundo no qual vivemos.

Resulta interessante a proposta do autor de ver em todo esse processo histórico de *longue durée*, que fez dos sistemas diferenciados da Europa e a Ásia bifurcar seus caminhos em determinados momentos históricos, uma continuidade na qual ambos os sistemas – mesmo que influenciados um pelo outro – continuam a se diferenciar (e é justamente por essas diferenças que ele vai a explicar a ascensão chinesa contemporânea).

Ao longo do trabalho de Arrighi a reinterpretação sobre a condição da China no mundo até o século XVIII incita a repensar as pré-noções eurocêntricas no interior das Ciências Sociais e convida a questionar as teorias tidas como dadas e a pensar e repensar de forma criativa sobre os fenômenos sociais.

Este processo “híbrido” de ascensão chinesa, no qual a China consegue se desenvolver a partir de um esquema que aplica tanto características da revolução industrial, quanto da estrutura ocidental, resulta interessante e precisa ser ainda mais estudado e aprofundado. Tal vez ele mesmo constitua a explicação para o fenômeno da ascensão chinesa, que ao mesmo tempo que cresceu

economicamente conseguiu manter os índices de desemprego estáveis e dar um salto na expectativa de vida dos chineses como mostrado na seção 1 do trabalho. Alguns índices, inclusive, podem ser explicados pelas consequências das políticas implementadas pelo governo chinês. Neste caso pontual, a tendência ao fomento da acumulação, mas sem desapropriação dos meios de produção, o favorecimento à construção de um mercado interno, etc. podem ser exemplos deste fenômeno híbrido.

Cabe ressaltar, como foi colocado ao longo do trabalho, as contradições do processo que levou a China a ascender na arena econômica e internacional. O crescimento da desigualdade social e o aumento dos protestos são claros exemplos disso.

O autor ao ligar a ascensão da China contemporânea a uma tradição histórica que teve uma lógica sistêmica diferente à da acumulação capitalista, e ao relacioná-la ao legado histórico da experiência comunista e da herança da revolução industrial, abre tal vez a possibilidade do mundo estar entrando num período de bifurcação no sentido contrário ao que deu origem à economia-mundo atual.

Se a bifurcação das possibilidades no mundo para uma escolha diferente à da reprodução do sistema capitalista será um fato, não podemos saber, mas como aponta Arrighi

Permanece em aberto a pergunta se vamos considerar razoável nos referirmos à conjuntura que finalmente aparecerá como outro “Século longo” do capitalismo histórico ou se vamos perceber, em retrospectiva, que também chegamos ao final do capitalismo histórico. Em quanto isso, um longo e profundo período de caos sistêmico (análogo, *mas não idêntico* ao caos sistêmico da primeira metade do século vinte) permanece como uma possibilidade histórica real. Embora o fim do longo século vinte seja inevitável, não há nada de inevitável em ele terminar catastroficamente. Evitar esta última possibilidade é a nossa tarefa urgente. (Arrighi in Vieira *et al*, 2012).

## ANEXOS

## PRINCIPAIS PERÍODOS DINÁSTICOS NA HISTÓRIA DA CHINA

Shang 1766 - 1122 AC

Zhou 1122 - 249

Qin 221 - 207

Primeira Han 202 - 8 DC

Segunda Han 25 - 220

Tang 618 - 907

Song do Norte 960 - 1127

Song do Sul 1127 - 1279

Yuan (Mongóis) 1271 - 1368

Ming 1368 - 1644

Qing (Manchus) 1644 - 1911

República 1912 - 1949

República Popular 1949 –

## PRINCIPAIS FONTES

### BIBLIOGRAFIA

AMIN, S. *et al*, **Dynamics of global crises**. New York: Monthly Review Press, 1982.

ARRIGHI, G. **The Geometry of Imperialism**. 1ra. Ed. Rev. London, Verso, 1983.

\_\_\_\_\_. **Adam Smith em Pekin: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. 8va. Reimpressão. Rio de Janeiro: Contrapontos, 2012.

\_\_\_\_\_. **The rise of East Asia: World Systemic and Regional Aspects**. International Journal of Sociology and Social Policy, v. 16, n. 7, p. 6-44, 1996.

ARRIGHI, G.; Hamashita, T. Selden, M. (Eds.) **The resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 years perspective**. London/New York: Routledge, 2003.

ARRIGHI, G.; Silver, B. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ, 2001

BANCO MUNDIAL China 2020, Washington, 1997. P. 20

BARDHAN, P. **Awaking Giants, Feet of Clay: A comparative Assessment of the Rise of China and India**. A changing World. 2007. Disponível em: <http://eml.berkeley.edu/~webfac/bardhan/papers/BardhanAwakeningGiants4.pdf>  
Consultado em: 08/05/2014.

BREGOLAT, E. **La segunda revolución china: claves para entender al país más importante del Siglo XXI**. 1ra. Edición. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011.

BULARD, M. A China sacode a ordem mundial. **Le Monde Diplomatique**. Publicação do 01/08/2005. Disponível em: <http://diplo.org.br/2005-08,a1150>. Consultado: 30/09/2014.

CASTELLS, M.; PORTES, A. "World Underneath: The Origins, Dynamics, and Effects of the Informal Economy". In: CASTELLS, M.; PORTES, A., BENTON, L. A.

**The Informal Economy:** Studies in Advanced and Less Developed Countries. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

CHEN, S.; RAVALLION, M. **Absolute Poverty Measures for the Developing World.** In: Measuring the Real Size of the World Economy, Chapter 20. Washington, DC: World Bank, 2012.

CHUNG, T. **Chinese Civilization:** Resilience and Challenges. China Report, 2005. Disponível em: <http://chr.sagepub.com/content/41/2/2013> Consultado em: 03/05/2014.

DIAMOND, J. **Armas, germes e aço:** o destino das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DUMENIL, G.; Lévy, D. **A crise do Neoliberalismo.** São Paulo: Boitempo, 2014.

FAIRBANK, J. K. (Ed.) **China:** A New History. Cambridge: The Belknap Press, 1992.

FENG, X.; Ljungwall, C.; Guo, S. **Re-Interpreting the “Chinese Miracle”.** International Journal on World Peace, Vol. XXVIII No. 1, 2011.

FISHER, S. **Lessons from East Asia and the Pacific Rim.** Brookings Papers on Economic Activity, 2:1996. P. 345-350.

FRANK, A. G. **Reorientar:** La economía global en la era del predominio asiático. Valencia: Universitat de València, 2008.

FRANK, G. **O desenvolvimento do desenvolvimento.** Ed. SINAL, 1968.

GOODHART, C.; Xu, C. **The rise of China as an Economic Power.** Center for Economic Performance. Discussion Paper No. 299, 1996.

GOONATILAKE, S. **Toward a global science:** Mining civilizational knowledge. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

GREENFIELD, G.; Leong, A. **China's Communist Capitalism:** the Real World of Market Socialism. The Socialis Register, 1997.

- HALL, J. A. **Estados e sociedades**: o milagre numa perspectiva comparada. In: BAECHLER, J.; HALL, J., Mann, M. (eds.) **Europa e a ascensão do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 29-47.
- BROOK, T.; BLUE, G. (eds.) **China and Historical Capitalism**: Genealogies of Sinological Knowledge. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.
- HEGEL, G. W. F. **The philosophy of History**. Kitchener: Batche Books, 2001.
- HOBSON, J. **The Eastern Origins of Western Civilization**. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- HU, S. **Confucianism and Contemporary Chinese Politics**. Politics and Policy Vol. 35, no. 1 p. 136-153. Blackwell Publishing Inc., 2007.
- IKENBERRY, G. J. The **Rise of China and the Future of the West**: can the Liberal System Survive? Foreign Affairs, Vol. 87, no. 1, 2008, p. 23-37
- JONES, E. **The European Miracle**: environments, economics and geopolitics in the history of Europe and Asia. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- LIN, J.; FANG, K.; LI, Z. **The China Miracle**: Development Strategy and Economic Reform. Shangai: People's Publishing House, 1994.
- MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MARX, K. **Zur Kritik der Politischen Ökonomie**. In: Marx, K.; Engel, F. Marx-Engels Berke. Berlin: Dietz, 1961-71.
- MOKYR, J. **Twenty Five Centuries os Technological Change**: a Historical Survey. Chur: Hardwood Academic Publishers, 1990.
- MONTESQUIEU, C. **The Spirits of Laws**. In: Constitution Society Homepage <http://www.constitution.org/cm/sol.htm> Consultado 20/06/2014.
- ROSTOW, W. W. **The Stages of Economic Growth**: A Non-Communist Manifesto. Cambridge: Ed. Cambridge University Press, 1960.



SEGRILLO, A. **Ásia e Europa em comparação histórica**: O debate entre Eurocentrismo e Asiocentrismo na História Econômica Comparada da Ásia e da Europa. 1ra. Edição. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

TILLY, C. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. São Paulo: Edusp, 1996.

VIEIRA, P.A.; VIEIRA, R. L.V.; FILOMENO, A.F. (org.) **O Brasil e o capitalismo histórico** : passado e presente na análise dos sistemas-mundo. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012.

VIEIRA, R. L.V. (org.) **O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista**. Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

WALLERSTEIN, I. "As três instâncias de hegemonia na história da economia-mundo capitalista" (Capítulo IV) in: **The politics of the World-Economy**: The States, the Movements and the Civilizations. Ed. Cambridge University Press, 1984. Translated by PEREIRA, J. M. and reviewed by GOUVÊA, M. M.

WALLERSTEIN, I. **Análisis de Sistema-Mundo**. México: Siglo XXI, 2006.

\_\_\_\_\_ *et al*, **Does capitalism have a future?** Oxford: Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_ **Geopolitics and geoculture**: Essays on the changing World-System. Ed. Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_ **O Capitalismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ **O declínio do poder Americano**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2004.

\_\_\_\_\_ **The capitalist World Economy**. Ed. Cambridge University Press, 1979.

\_\_\_\_\_ **The End of the World As We Know It: Social Science for the Twenty-First Century**. Minesota: Ed. Univ of Minesota Press, 2001.

\_\_\_\_\_ **The Future of China, the Future of the World?** (Commentary no. 70). Fernand Braudel Center website. 2001. Disponível em: <http://www.binghamton.edu/fbc/archive/70en.htm> Consultado em 15/05/2014.

\_\_\_\_\_ **The Modern World System I:** Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. Ed. Academic Press, 1974.

\_\_\_\_\_ **The Modern World System II:** Mercantilism and the consolidation of the European World-Economy, 1600-1750. Ed. Academic Press, 1980.

\_\_\_\_\_ **The Modern World System III:** The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730s-1840s. Ed. Academic Press, 1988.

\_\_\_\_\_ **The Modern World System IV:** Centrist Liberalism Triumphant, 1789-1914. Ed. Academic Press, 2011.

\_\_\_\_\_ **The politics of the World-Economy:** The States, the Movements and the Civilizations. Ed. Cambridge University Press, 1984.

\_\_\_\_\_ **The Rise of Asia in the World-Economy.** Disponível em:  
<http://www.reseau-asie.com/article-en/months-articles-archive/reseau-asie-s-editorial/rise-asia-world-economy-immanuel-wallerstein/> Consultado em 12/06/2014.

\_\_\_\_\_ The West, capitalism, and the modern world-system IN: BROOK, T.; BLUE, G. (eds.) **China and Historical Capitalism:** Genealogies of Sinological Knowledge. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

WALLERSTEIN, I., HOPKINS, T. K., *et al* **The age of transition:** Trajectory of the World-System, 1945-2025.

WALLERSTEIN, I., HOPKINS, T. K., **World System Analysis:** Theory and Methodology. Ed. Sage Publications, Inc. 1982.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Brasília: EdUnB, 1981.

WEBER, M. **The Religion of China:** Confucianism and Taoism. New York: The Free Press, 1951.

WEEDE, E. **The Capitalist Peace and the Rise of China:** Establishing Global Harmony by Economic Interdependence. International Interactions: Empirical and Theoretical Research in International Relations Volume 36, Issue 2, 2010.

WEI-MING, T. **The Rise of Industrial East Asia: The Role of Confucian Values.** The Copenhagen Journal of Asian Studies.1989. Vol. 4, Disponível em: <http://rauli.cbs.dk/index.php/cjas/article/view/1767/1787> Consultado em: 10/05/2014.

ZAFAR, A. **Learning from the Chinese Miracle: Development Lessons for Sub-Saharan Africa.** The World Bank Policy Research Working Paper 5216, 2010.

ZHAO, S. **Chinese Nationalism and Its International Orientations.** Political Science Quarterly, Vol. 115, no. 1, 2000, p. 1-33.

## SITES

[China Statistical Yearbook www.stats.gov.cn](http://www.stats.gov.cn)

Fernand Braudel Center da Binghamton University <http://www.binghamton.edu/fbc/>

United Nations Development Program UNDP <http://www.cn.undp.org/>

XVIII Congreso Nacional del Partido Comunista Chino.  
[http://spanish.china.org.cn/specials/18da/node\\_7167269.htm](http://spanish.china.org.cn/specials/18da/node_7167269.htm)

United Nations Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP) <http://www.unescap.org>

World Bank <http://databank.bancomundial.org/data/views/reports/tableview.aspx>